

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS
LITERATURAS

EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAIS NO ROMANCE “VIDAS SECAS” DE
GRACILIANO RAMOS: A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL EM FOCO

Autora: Lidiamara Castilhos Pimentel

Orientadora: Ma. Leidiani da Silva Reis

JUINA - MT

2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS
LITERATURAS

EXPRESSÕES NOMINAIS REFERENCIAS NO ROMANCE “VIDAS SECAS” DE
GRACILIANO RAMOS: A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL EM FOCO

Autora: Lidiamara Castilhos Pimentel

Orientadora: Ma. Leidiani da Silva Reis

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.”

JUINA - MT

2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS
LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

Prof. Esp. Sandra Jung de Mattos

Prof. Ma. Leidiani da Silva Reis

Orientadora

Dedico este trabalho:

Ao meu poderoso **Deus** que abençoou e permitiu a minha chegada até aqui, depois de muitos desânimos e dificuldades.

A minha mãe **Carmelita** e a toda minha família, por caminharem comigo e me incentivarem sempre neste caminho longo e gratificante.

Ao meu amado **Rafael**, por ser amigo e companheiro nesta trajetória.

Dedico em especial a minha orientadora Prof. Ma. **Leidiani da Silva Reis** por ter me apoiado e incentivado sempre e ao meu Prof. Dr. **Cláudio Silveira Maia**, por ser sempre amigo nas horas necessárias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A **Deus** que a cada minuto me fez forte e paciente para continuar em minha caminhada e por sempre me levantar dos tombos.

Em especial e com muito carinho agradeço a minha orientadora **Leidiani da Silva Reis** pelo incentivo de sempre, pela orientação segura e competente, pela dedicação para que o presente trabalho ficasse cada dia melhor por meio de suas importantes contribuições e sugestões.

A minha mãe, meu exemplo de humildade e guerreira **Carmelita**, minha família de coração **família Esser**, aos meus **familiares**, **amigos** e ao meu amado **Rafael** por estarem sempre ao meu lado durante os momentos mais difíceis dessa longa e árdua caminhada.

A todos os meus verdadeiros e sinceros **colegas** de curso pela amizade e companheirismo transmitido durante todo o tempo que caminhamos juntos.

E por fim, agradeço a **todos** aqueles que direta ou indiretamente contribuíram de alguma maneira para meu crescimento pessoal e profissional que será fundamental por toda a minha vida.

A todos o meu muito obrigado!

“Depois de algum tempo, você aprende...
Aprende que não importa em quantos
pedaços seu coração foi partido, o mundo
não pára para que você o conserte.
Aprende que o tempo não é algo que
possa voltar para trás.
Portanto... plante seu jardim e decore sua
alma, ao invés de esperar que alguém lhe
traga flores. E você aprende que
realmente pode suportar... que realmente
é forte, e que pode ir muito mais longe
depois de pensar que não se pode mais.
E que realmente a vida tem valor e que
você tem valor diante da vida!

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem
perder o bem que poderíamos conquistar,
se não fosse o medo de tentar.”

William Shakespeare

RESUMO

Considerando que a interpretação textual é a base para a formação de um sujeito crítico e que esta exige estratégias específicas para que ocorra de forma eficiente, a pesquisa aludida tem como objetivo principal analisar o papel das expressões nominais referenciais enquanto contribuinte na constituição dos significados do texto. Em outras palavras, dentre vários elementos linguísticos a disposição, ao (re)construir o objeto do discurso, o autor utilizará aquele que mais atingir suas intenções. Cabe, então, ao leitor considerar tais elementos referenciais presentes no texto, uma vez que alguns estudiosos, como Koch e Elias (2006), definem a referenciação enquanto estratégia discursiva realizada por sujeitos de maneira interacional. Assim sendo, para a concretização dessa pesquisa nos pautamos no método qualitativo, bibliográfico, o qual optamos pelo romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos (2010), especificamente os dois primeiros capítulos “Mudança” e “Fabiano”. Identificamos as anáforas sem manutenção de núcleo, especificamente expressões nominais referenciais definidas e indefinidas no *corpus* escolhido. Graciliano Ramos utiliza-se na maioria das vezes para descrever os lugares, os personagens, construir partes de seu romance regionalista.

Palavras-chave: Expressões nominais referenciais. Interpretação Textual. Vidas Secas.

ABSTRACT

Whereas textual interpretation is the basis for the formation of a critical subject and that this requires specific strategies to occur efficiently, the research alluded aims at analyzing the role of nominal expressions benchmarks as a taxpayer in the constitution of the meanings of the text. In other words, among the various linguistic elements available, the (re) construct the object of discourse, the author will use the one that best achieve their intentions. It is then up to the reader to consider elements such references in the text, since some scholars, such as Koch and Elias (2006) define benchmarking as a discursive strategy performed by subjects so interactive. Therefore, to achieve this we have guided research on qualitative methodology, literature review, which we chose the novel "Barren Lives" by Graciliano Ramos (2010), specifically the first two chapters of "Change" and "Fabiano". We identify the anaphora without maintaining core, specifically nominal expressions defined and undefined references in the corpus chosen. Graciliano is used most often to describe the places, characters, build parts of its regionalist novel.

WORD-KEYS: Referential nominal expressions. Textual Interpretation. Barren Lives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Retomadas de Os infelizes.....	43
Quadro 2 Retomadas de O menino mais velho.....	44
Quadro 3 Retomadas de uma fazenda sem vida	46
Quadro 4 Retomadas de A seca.....	48
Quadro 5 Retomadas de o animal.....	50
Quadro 6 Retomadas de Fabiano	52
Quadro 7 Retomadas de os filhos	55
Quadro 8 Retomadas de A cachorra Baleia	56
Quadro 9 Retomadas de seu Tomás da bolandeira	57
Quadro 10 Retomadas de O patrão atual	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
DISCUSSÃO TEÓRICA A LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL.....	12
1.1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: UMA ORIENTAÇÃO SOCIOINTERACIONISTA	13
1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL	16
1.3 A REFERENCIAÇÃO: ATIVIDADE DISCURSIVA E INTERACIONISTA	19
1.4 ANÁFORA SEM MANUTENÇÃO DO NÚCLEO	24
CAPÍTULO II	31
GÊNERO ROMANCE	31
2.1 GRACILIANO RAMOS	32
2.2 VIDAS SECAS.....	33
CAPÍTULO III	39
METODOLOGIA	39
3.1 CONCEITO DE PESQUISA.....	39
3.2 CARÁTER DE PESQUISA	40
3.3 COLETA DE DADOS	41
CAPÍTULO IV.....	42
ANÁLISE.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Como foco de nosso trabalho, abordamos a interpretação textual, que de acordo com vários estudiosos requer estratégias e habilidades específicas para se ter sucesso, uma vez que o processo de construção de significados do texto apresenta-se como uma das maiores dificuldades do aluno no que concerne ao ensino-aprendizagem. Para tanto, muitos estudiosos pesquisam o assunto e buscam profundas reflexões.

Apreciando Marcuschi (1996), a interpretação textual não pode ser vista como capacidade humana transferida por genética, mas sim uma habilidade que se efetiva após treinos e estudos permanentes. Nessa perspectiva, buscamos realizar uma breve reflexão sobre a interpretação textual, considerando os elementos linguísticos como essenciais para o leitor no momento em que busca compreender e interpretar um texto. Assim sendo, recorreremos ao processo de referenciação enquanto forte estratégia de construção de significados.

Importante definir que a referenciação é a responsável por (re) categorizar os objetos de discurso, que vem concretizar as intenções do produtor a partir das retomadas, fazendo com que o leitor possa, com maior facilidade, perceber qual é realmente o sentido do texto. Para tanto, adotamos a concepção sociocognitiva-interacional, que considera a referenciação enquanto atividade discursiva e interacionista (KOCH, 2005).

Como não teremos a possibilidade de abordar todos os elementos referenciais, escolhemos para estudo a anáfora não correferencial, em específico, as que ocorrem por meio de expressões nominais referenciais. Portanto, consideramos que a retomada sem manutenção do núcleo é uma das estratégias linguísticas que auxilia o leitor no momento da interpretação textual a partir do que está posto pelo produtor de texto.

Definimos como *corpus* as retomadas sem manutenção de núcleo identificada no romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, especificamente no primeiro capítulo “Mudança” e no segundo capítulo “Fabiano”. Desde já, deixamos claro que não foi nosso objetivo discutir questões estilísticas e literárias da referida obra, uma vez que não é o enfoque de nossa pesquisa. Nosso objetivo foi, como já

dito, ainda que brevemente, verificar como as recorrências das anáforas não correferências, especificamente as expressões nominais, são disponibilizadas pelo autor nesses dois capítulos e, de que forma vem orientar para o significado do texto. Neste contexto, apresentamos nossa pesquisa como bibliográfica e qualitativa.

Quanto à organização, o trabalho está distribuído em quatro capítulos, como também apresenta texto de introdução e conclusão. No primeiro capítulo, Discussão Teórica a Luz da Linguística Textual, apresentamos a mudança significativa nos estudos linguísticos. No segundo capítulo Gênero Romance, abordamos o gênero da obra escolhida para a análise, definimos algumas características importantes da obra *Vidas Secas* e do autor Graciliano Ramos. O capítulo seguinte Metodologia é reservado para descrever os métodos utilizados tendo em vista que a nossa pesquisa é qualitativa. Após, em Análise, apresentamos os elementos referenciais identificados na obra escolhida e as características necessárias que foram estudadas. Por fim, na Conclusão apresentamos considerações relevantes sobre nossa pesquisa.

Para sustentar os rumos neste trabalho e auxiliar na reflexão sobre os dados, utilizamos e realizamos leituras de vários autores relacionados ao tema, tendo assim, o referencial teórico: Bakhtin (2004), Koch (2004, 2005, 2006, 2009), Koch e Elias (2006), Mondada e Dubois (2003), dentre outros. Esses que contribuíram muito com a pesquisa, permitindo que os objetivos da mesma se concretizassem da melhor forma possível.

CAPÍTULO I

DISCUSSÃO TEÓRICA A LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Todas as abordagens sobre língua, linguagem, texto e discurso feitas neste capítulo comprovam uma mudança significativa nos estudos linguísticos. Hoje não se imagina um estudo de texto dissociado das questões discursivas maiores envolvidas na produção e na compreensão do texto, uma vez que a atividade linguística é uma atividade social. Essa perspectiva sociointeracional e cognitiva vem norteando os estudos em Linguística Textual atualmente.

Desde a década de 60, quando foram iniciadas as pesquisas em Linguística Textual, vieram à tona questões que as análises meramente estruturalistas não conseguiram responder. Na Europa de 1960, mais especificamente na Alemanha, muitos estudiosos investigavam uma abordagem mais pragmática para o texto. Koch (2006c, p. 14) salienta que, nesse momento, a pesquisa em Linguística Textual ganhava uma nova dimensão: “já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta”.

Hoje, portanto, a perspectiva que se adota nas análises feitas por parte da Linguística Textual é sociocognitivo interacionista, ou seja, incorpora aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo de textos. Tal perspectiva verifica não só os processamentos cognitivos do indivíduo, mas também aqueles que acontecem na sociedade e que, de alguma forma, influenciam o processamento linguístico individual. Muito da cognição acontece fora da mente e não somente dentro, afinal a cognição é um fenômeno situado (KOCH, 2006c, p. 31).

Assim, o contexto acaba se construindo na própria interação, pois o texto é o lugar da interação e as pessoas que participam de sua constituição também são constituídas por ele. Os interlocutores de um ato comunicativo vão (re)construindo seus saberes e (re)ativando seus conhecimentos à medida que a comunicação evolui e o texto se forma. Portanto, a concepção seguida, atualmente, pela Linguística Textual é a de que os eventos linguísticos não são, de forma alguma, a reunião de fatos isolados e independentes. A construção textual é uma atividade que

se faz com os outros. Dessa forma, as atuais abordagens sociointeracionistas consideram a linguagem uma ação compartilhada.

Sendo assim, as línguas existem propriamente na interação, carregadas das influências que os sujeitos participantes do ato comunicativo possam exercer sobre elas. Por isso, os conhecimentos compartilhados pelos sujeitos são tão importantes para que a comunicação se estabeleça.

1.1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: UMA ORIENTAÇÃO SOCIOINTERACIONISTA

Ao se tratar de concepções de linguagem podemos encontrar três tipos que são abordados nos estudos linguísticos, a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem instrumento de comunicação e a linguagem sociointeracionista.

Abordamos primeiramente, a linguagem como expressão do pensamento que de acordo com Bakhtin (2004), trata-se de uma maneira de compreender a fala como criação individual, totalmente determinada pelo psiquismo que por sua vez, contribui a fonte da língua. Entende-se que se o indivíduo consegue pensar bem, falar bem, e o mesmo escrever bem. Compreendemos que esse resultado seja a organização do seu pensamento, o seu dom individual e a mente, ou seja, a tradução de um pensamento organizado de forma lógica e inteligente.

De acordo com Koch a função principal da língua é “representar (= refletir) seu [do homem] pensamento e seu [do homem] conhecimento de mundo” (KOCH, 2001, p.9). Portanto, para que a língua realize essa representação será necessária à organização do pensamento de cada indivíduo de forma lógica e inteligente para que o resultado seja positivo. Percebemos nessa concepção que o indivíduo que não se expressa bem não pensa, assim, teremos um indivíduo que não consegue organizar o seu pensamento e nem traduzi-lo, esse é considerado “burro” e sabemos que ao se tratar de ensino o professor em uma situação como essa não tem o que fazer, pois se entende que a linguagem é individual. Na presente concepção quanto à perspectiva de leitura entende-se que a concepção de leitura tem como foco principal o autor. Compreende-se como uma “atividade de captação das ideias do

autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sócio-cognitivo-interacionalmente” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10).

No segundo momento, apresentamos a concepção de linguagem como instrumento de comunicação onde a língua é considerada como código que tem como função realizar a transmissão de uma mensagem ao receptor. Nessa concepção a leitura é definida como uma “atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que tudo está dito no dito” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10). A leitura seria considerada, então, simplesmente uma decodificação do texto, as palavras possuiriam seus significados próprios e o contexto ignorado.

Por meio de discussões e estudos dos pesquisadores das duas concepções anteriores, citamos a concepção de linguagem como forma de interação, que foi teoricamente apresentada em meados da década de 1980 e documentada nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997,1998), portanto, tornou-se considerável e reconhecível como interacionista ou sociointeracionista. Ressaltamos que a presente concepção é a que orienta e sustenta todas as nossas práticas pedagógicas em sala de aula, por considerar a língua como dialógica, sendo assim, interpretada como ação humana entre o indivíduo e a sociedade, ajudando a entender, a interpretar e transformar o meio em que está associado, por meio da linguagem. Nesta concepção a língua, não é considerada como ato individual, ou seja, que depende de um indivíduo só. Entretanto, acredita-se que a língua é um instrumento fundamental na construção de relação social.

De acordo com as pesquisas referentes a essa concepção sociointeracionista, identifica-se muitos defensores dessa teoria entres eles citamos Bakhtin e também Vygotsky que entre os anos de 1896-1934, teve como foco principal os estudos da cognição as atividades socioculturais, linguagem e interações sociais. Na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky, considera a aprendizagem como fenômeno que se efetiva por meio da interação social. Para o filósofo Vygotsky, a aprendizagem deflagra diversos processos internos de desenvolvimento mental, ou seja, refere-se que o filósofo entende esse processo de interação como algo do sentido de interação do sujeito na sociedade.

Sendo assim, percebemos que para Vygotsky (1984), a criança aprende por meio de seu meio social, utilizando-se então de dois ciclos de desenvolvimento social. Esses dois níveis revelam-se como um processo interpessoal, que é transformado num processo intrapessoal, e todas as funções que ajudarão no desenvolvimento da criança apresentam-se por meio dos ciclos, a qual a criança é submetida perante a sociedade. O primeiro ciclo é considerado o de nível social, e depois no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e após, no interior da criança (intrapsicológica). Ao observarmos esses dois períodos, compreendemos que no primeiro processo a criança tem a capacidade para realizar as atividades independentemente dos adultos, conceito esse que contradiz a segunda perspectiva onde a criança estará totalmente dependente dos adultos. Deste modo, percebe-se que o sociointeracionismo não considera a língua como ato individual, e sim como interação social, destacando que todas as nossas ações sejam elas escritas, ou faladas podem ser identificadas como ato de comunicação com o mundo exterior.

Na perspectiva sociointeracionista entende-se o campo da aprendizagem, como a maneira de um ensino eficaz e capaz de realizar o melhor possível para o entendimento da língua, fazendo com que o aluno reconheça a realidade da língua, assim, o aluno na abordagem sociointeracionista terá um aprendizado ativo que desenvolverá o seu senso crítico e conseqüentemente uma realidade possivelmente clara e objetiva da sua realidade.

De acordo com Bakhtin um dos grandes estudiosos da concepção abordada, consideramos que a concepção de linguagem sociointeracionista refere-se a um ato de comunicação que tem como relação à troca de comunicação entre falantes dentro de uma prática social. Segundo Bakhtin (2000) “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2000, p.279). Percebe-se a importância da concepção de linguagem sociointeracionista que seguimos como base nos dias atuais no ensino-aprendizagem, a qual está pautada nas atividades de produção e interpretação textual na escola e na definição dos gêneros discursivos e textuais.

A concepção de linguagem como forma de interação, descreve os sujeitos como “autores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10-11). Essa perspectiva tem como conjunto a relação estabelecida entre o locutor e o interlocutor e suas produções do discurso. Para melhor entendimento será indispensável considerar a definição dada por Koch (2001),

[...] linguagem é vista como um modo de ação social. É o elemento de mediação necessária entre o homem e a sua realidade, neste sentido, é lugar de conflito, de confronto dialógico em que a significação se apresenta em toda a sua complexidade. Estudar a linguagem é abarcar-lá nessa complexidade, é aprender o seu funcionamento que envolve não só mecanismos linguísticos, mas também extralinguísticos (KOCH, 2001, p. 09).

Nessa concepção como o próprio nome define e as características dadas, percebemos que a linguagem e tudo que a envolve para se concretizar é ampla, assim, é considerada como ação social, interação entre o homem e a sua realidade.

A concepção de linguagem interacionista considera a leitura como um ato social, uma forma do sujeito interagir por precisões e objetivos sociais, conforme afirma Koch a leitura é “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11).

Contudo, percebemos a importância da concepção sociointeracionista e seus princípios. Definimos então, como a nossa fundamental orientadora, para a colaboração dos nossos estudos, bem como, na presente pesquisa e em nossas práticas pedagógicas. Portanto, apresentamos no próximo capítulo uma abordagem sobre a interpretação textual e algumas considerações necessárias para a nossa pesquisa, lembrando que interpretação textual é o nosso foco principal.

1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Compreende-se que todo indivíduo social, tem como indispensável à comunicação e a transmissão de informações. Isso acontece por meio do uso da língua como manifestação verbal sendo por efetivação dos signos linguísticos,

oralmente, imagético, gestual ou textual. Entretanto, neste capítulo, apresentamos uma abordagem sobre as quatro etapas de leitura: a decodificação, a compreensão, a interpretação e a retenção. São as etapas que o sujeito-leitor realiza no ato de ler, ao se tratar de um livro, uma revista ou até mesmo um texto qualquer, entre outros.

Sabemos que a leitura não é uma atividade atraente para a maioria das pessoas de nossa sociedade pós-moderna. Entretanto, é importante ter uma visão sobre o que a leitura nos permite, pois, segundo Foucambert (1994)

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

Percebemos que a leitura possibilita a ampliação de nossos conhecimentos, uma visão mais crítica, transformando a nossa maneira de pensar e agir diante do mundo, entre diversos benefícios. Desse modo, podemos reafirmar que ler não significa apenas decodificar o texto e extrair algumas informações, podemos compreender que decodificar é somente uma das etapas para prosseguir até a compreensão e interpretação do que se lê. Ao considerar Dell' Isola (1996) entendemos que

O ser humano é sujeito praticante de leitura, uma vez que decifra, compreende, interpreta, avalia o signo. Sendo sujeito leitor, simultaneamente lê palavras, formas, cores sons, volumes, texturas, gestos, movimentos, aromas, atitudes, fatos. Este sujeito interage com diversas formas de linguagem, através da sua leitura de mundo. (DELL' ISOLA, 1996, p. 70).

De acordo com a perspectiva psicolinguística de Menegassi (1995) apresentamos primeiramente a decodificação como a responsável por iniciar os procedimentos da leitura, por reconhecer os símbolos escritos e pela relação com os significados.

A decodificação, para ser considerada como uma etapa no processo de leitura deve ser aliada à compreensão, iniciando o processo de apreensão de significados. Decodificação mal feita implica compreensão mal sucedida. (MENEGASSI, 1995, p. 87).

Entende-se que a decodificação inicia com a extração dos significados acontece independentemente e trata-se de uma leitura superficial e identificação textual que de acordo com Menegassi compreende-se que

Na decodificação, há a ligação entre o reconhecimento do material lingüístico com o significado que ele fornece. No entanto, 'muitas vezes a decodificação não ultrapassa um nível primário de simples identificação visual', pois se relaciona a uma decodificação fonológica, mas não atinge o nível do significado pretendido. (MENEGASSI, 1995, p. 87).

Quanto à compreensão denomina-se o momento do procedimento em que o sujeito-leitor se tornar capaz de captar a estrutura e o tema do texto, reconhecer os principais tópicos, selecionar as regras do texto e inicia a compreender o sentido e significado do texto, ou seja, o sujeito-leitor busca além do que está escrito. Para tanto, concordamos que essa etapa é “um processo criador, ativo e construtivo que vai além da informação estritamente textual” (MARCUSCHI, 1996, p. 77).

Segundo Menegassi (2010) no procedimento de compreensão é o momento de resumir o texto, porém para que isso se realize o leitor necessita identificar as informações e ativar seus conhecimentos prévios que são indispensáveis para a efetivação da compreensão, tendo em vista que desse procedimento geralmente tem-se uma nova informação, essa que será fundamental para o próximo procedimento que é a interpretação.

Quanto ao terceiro procedimento de leitura apresenta-se o foco principal da nossa pesquisa, a interpretação textual que é o momento em que o sujeito-leitor se torna crítico e julga o que lê. Destacamos que cada sujeito-leitor terá a sua interpretação própria de acordo com os seus conhecimentos assim, conseguirá realizar a interpretação, retirar o sentido do texto, analisar e realizar novas e diversas leituras. Desse modo, podemos considerar que é a fase que o leitor edifica novos sentidos textuais, “amplia seu cabedal de conhecimentos e de informações, reformulando conceitos e ampliando seus esquemas sobre a temática do texto” (MENEGASSI, 1994, p. 88).

Focalizamos também em uma breve e simples definição *interpretação* de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Ferreira (2004) “*sf.* 1. Ato ou efeito de interpretar. 2. Explicação (de texto, lei, etc.). 3. Arte e técnica de interpretar (4). 4. Modo de interpretar (4). 5. Mús. Modo como se toca e/ou canta uma peça

musical. [Pl.:ções.]” (FERREIRA, 2004, p. 486). Podemos entender previamente as possibilidades desse ato sabendo que interpretação textual resume-se em interpretar texto, ou seja, entender o que foi posto pelo autor e o que está além de suas palavras, realmente interpretar e não apenas decodificar.

O último procedimento de leitura é a retenção a fase em que o leitor guarda as informações necessárias e importantes que foram localizadas no texto. Afirma Menegassi (1995) que a retenção é “responsável pelo armazenamento, na memória de longo prazo, das informações mais importantes.” (MENEGASSI, 1995, p.88).

Consideramos Menegassi (1995) ao afirmar que todos os procedimentos citados acima são interligados e não são independentes, esses quando realizado por leitores competentes.

Após, a reflexão feita sobre as estratégias de leitura é importante lembrar que em nosso trabalho demonstraremos a importância dos elementos linguísticos para a identificação e construção dos significados textuais. Porém, na presente pesquisa não será possível realizar a abordagem de todos os elementos, para tanto, abordaremos a seguir as anáforas não correferenciais que possibilitam o leitor revelar quais são as intenções do autor, suposições e orientações argumentativas.

1.3 A REFERENCIAÇÃO: ATIVIDADE DISCURSIVA E INTERACIONISTA

Sabemos a importância da reflexão aqui proposta a qual se refere ao processo interpretativo, os elementos linguísticos e suas contribuições na construção de significados ao se tratar do processo de referenciação. Para tanto, será fundamental considerar o processo de referenciação como “atividade discursiva, que ocorre por meio da construção e reconstrução de objetos de discurso, realizada por sujeitos num processo de interação.” (KOCH; ELIAS, 2006).

Considerando que em todas as reflexões que se refere à linguagem, a referência é um dos assuntos que tem sido abordado e estudado por muitos linguísticos, sociológicos, psicólogos entre outros. Abordamos primeiramente, o fato de que a referência vem sendo considerada como problema de representação do mundo, ou seja, se realmente corresponde ou não com os objetos do mundo real.

Citamos então, a mudança de termo de referência para referenciação visto que a partir da referenciação o objeto analisado são as atividades de linguagem produzidas por sujeitos históricos e sociais, sujeitos que tem capacidade de construir mundos textuais, determinados objetos que não se espelham no mundo real, portanto são construídos de forma interativa e discursiva definidos como objetos de discurso.

A referenciação de acordo com Koch (2006, 2005, 2004, 1998), Marcuschi (2003), Mondada e Dubois (2003), entre outros estudiosos, conformam-se não somente em um recurso de retomada de entidades do mundo; ou seja, não se considera simplesmente enquanto rótulos utilizados para nomear as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998). Ainda, afirma uma maneira de construção e reconstrução de objetos de discurso.

Posteriormente introduzido (categorizado) no texto, o objeto é recategorizado por meio da estratégia de referenciação. Esse processo de construção e reconstrução de objetos de discurso efetiva-se por sujeitos, em um processo de interação, o que considera dizer que transporta, dentre diversos fatores, os interesses e as questões consideradas pelos interlocutores abrangidos no discurso.

Os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “óculos sociais”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2006, p.123, grifo das autoras).

Segundo Reis (2012) ¹ *apud* Mondada e Dubois (2003), afirma que os objetos de discurso, ficando construídos e desenvolvidos discursivamente, não necessitam ser compreendidos como se prontamente estivessem finalizados para serem usados e, do mesmo modo, como se estivessem apropriados para todos os sujeitos, visto que eles não são estáticos e não adotam uma norma, no entanto são construídos de acordo com o contexto de interação.

Essa forma de referenciação proposta por Koch (2004), define que os objetos de discurso são extremamente dinâmicos, considera ainda que a partir do momento que são introduzidos na memória discursiva, de maneira constante sofrem

¹ REIS, Leidiani da Silva. Sondagem das retomadas não correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2012.

transformação, reconstrução e recategorização de acordo com a progressão textual. Entende-se que o processo dinâmico, conforme Koch amplia-se enquanto atividade discursiva desenvolvida por meio sujeitos históricos e sociais centrados.

Os objetos de discurso são construídos e reconstruídos quando se compõe enquanto um processo dinâmico na progressão textual, isso acontece no instante em que o objeto é difundido no texto e empregado outra vez por meio da reconstrução. Para esclarecer melhor esse processo dinâmico consideramos Mondada e Dubois (2003) que asseguram que “as categorias e os objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável por meio de operações cognitivas, ancoradas nas práticas, nas atividades verbais ou não verbais, nas negociações dentro da interação”. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 17).

Percebe-se que nesta perspectiva, Koch e Marcuschi (1998) entendem que a referenciação não pode ser considerada como forma de “etiquetar” o mundo, entretanto como uma atividade que acontece no momento da produção discursiva. Afirmam os autores que “no contexto do discurso, todos os referentes são evolutivos, já que sempre haverá uma mudança, ou seja, os referentes modificam-se à medida que o discurso se desenrola” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173).

Ao concordarmos com essa maneira de interpretar a referenciação vincula-se à perspectiva teórica que entende a linguagem enquanto ação social. Os estudos sobre os processos de referenciação permanecem atrelados às ações desenvolvidas na língua, e estas são reconhecidas de acordo com as condições de admissão das informações textuais, marcando determinadas intenções. O produtor, ao implantar e retomar certos objetos de discurso opta por escolhas não gratuitas. Contrariamente, aguardando conseguir seus objetivos, realiza escolhas que estão repletas por estratégias de convencimento, instituindo uma orientação argumentativa textual. De acordo com essa concepção, Koch (2004) define que

A referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera sobre o material lingüístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (KOCH, 2004, p.31).

De acordo com essa perspectiva teórica, Marcuschi (2003) esclarece que a referência tem que ser considerada como uma ação criativa de denominação, ou seja, ao empregar as estratégias de referenciação, o produtor não ficará isento de

suas intenções, porém, as emprega como reforço de determinado argumento, pretende revelar algo para o outro. De tal modo, ao preferir por um determinado objeto de discurso para mencionar um referente, o produtor se coloca, considerando a preferência da

[...] existência de um objeto de discurso implica em observar o tipo de apreciação axiológica que sobre ele incide e qual a voz social o enuncia – afinal, estas são as condições para a constituição de discursos e de, é claro, objetos de discurso (ALVES FILHO, 2010, p.214).

Percebemos que novamente, a referenciação é definida como uma maneira de referir-se aos objetos de discurso, esses que impregnam consigo especialidades dos sujeitos históricos e sociais centrados. Deste modo, adotada uma perspectiva discursiva e, por conseguinte, como produto do ato interativo em meio a os sujeitos envolvidos na construção dos textos, o processo de referenciação compõe-se como atividade linguística que não se atém à decodificação de texto, nem se restringe à identificação de um termo textual, porém se assenta enquanto recurso estratégico na construção do sentido do texto.

Concordamos com Biezus (2010) ao considerar que os objetos discursivos tem a responsabilidade de constituir relações de sentido e significado de tal maneira com os elementos que os precedem como com os que os sucedem, estabelecendo uma cadeia textual significativa. Tendo assim, a coesão que oferece unidade ao texto sendo instalada e se demonstra pela ocupação de distintos procedimentos, quanto na área lexical como na área gramatical.

Tendo em vista a abordagem discursiva considerada sobre referenciação, de acordo com Koch e Elias (2006) a operação linguística referencial pode acontecer por movimentos exofóricos ou endofóricos. No movimento exofórico, reconstrói-se um elemento não enunciado no texto; enquanto no segundo movimento, o elemento recategorizado foi o primeiro exposto no texto.

Segundo Koch e Elias (2006) a denominada referência endofórica, encontra-se subdivida em anafórica e catafórica. No procedimento anafórico, a remissão é cometida para trás, assim, compreendemos que a remissão é cometida a elementos anteriores expressos no texto. Enquanto no procedimento catafórico, a remissão é cometida para frente. Ambos os procedimentos não se limitam a simples movimentos projetivos e retrospectivos, entretanto, representam serviço de um

determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos de discurso. Para exemplificar citamos Koch (2001, p. 21):

(1) Paulo e José são excelentes advogados. *Eles* se formaram na Academia do Largo de São Francisco. (Referência anafórica).

(2) Realizara todos os seus sonhos, menos *este*: o de entrar para a Academia. (Referência catafórica).

Os termos destacados são as remissões. Em (1), tem-se um procedimento anafórico, uma vez que o pronome em evidência retoma elementos anteriormente enunciados. Logo em (2) é necessário seguir no texto para identificar o referente, concretizando um movimento catafórico. Essas maneiras de referenciar podem ser atualizadas de diversas formas, por meio de diferentes estratégias de textos.

Destacamos também que a construção dos referentes textuais ocorre mediante as seguintes estratégias: *introdução*, *retomada* e *desfocalização* de objetos de discurso, que segundo Koch e Elias (2006) definimos como:

a. *Introdução* (construção): ocorre quando um “objeto” ainda não mencionado é introduzido no texto, desta forma a expressão linguística que o representa é focalizada, permanecendo esse “objeto” claro no modelo textual. As autoras (2006, p. 18) exemplificam por meio do texto retirado do Jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 6 de maio de 2005:

- (3) *Uma nova espécie de ave* é descoberta na Grande SP
 O Ibama anunciou ontem a descoberta de *uma nova ave*, o *bicudinho – do – brejo – paulista*.
 O *Stymphalornissp. nov* (terminação indica que o *animal* não recebeu a denominação definitiva da espécie) foi encontrado pelo professor Luis Fábio Silveira, do departamento de Zoologia da USP, em áreas de brejo nos municípios de Paraitinga e Biritiba- Mirim, na Grande São Paulo, em fevereiro.
 O *pássaro* tem pouco mais de 10 centímetros de comprimento, capacidade pequena de vôo e penugem escura.

b. *Retomada* (manutenção): acontece quando um “objeto” prontamente presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de maneira que o objeto de discurso continue focalizado, é o caso das expressões *uma nova ave*,

bicudinho – do – brejo – paulista, Stymphalornissp. Nov, o animal, O pássaro do exemplo acima.

c. *Desfocalização*: ocorre quando um novo “objeto” é introduzido no texto, ocupando assim, a posição focal. Todavia, o objeto desfocalizado continua em situação de ativação parcial, assim, ele permanece disponível para a utilização imediata sempre que for preciso.

Ao valer-se dessas estratégias pode-se a todo o instante mudar ou ampliar os referentes textuais, durante todo o processo de interpretação e compreensão frequentemente instituindo no leitor uma reprodução mais complexa, pelo acréscimo sucessivo de novos conjuntos e também avaliações respeito do referente.

Segundo Biezus (2010) a partir da retomada de determinados elementos textuais, acontece à formação de encadeamentos referenciais extremamente significativos que poderão instaurar-se por meio de processos anafóricos correferenciais (diretos) e não correferencias (indiretos). Considera-se que no processo de edificação de sentido, a anáfora pode efetivar-se sem a retomada antes de referentes expressos.

De acordo com Koch (2005) a recategorização de objetos de discurso pode acontecer também por meio de anáforas correferenciais, entretanto, para a nossa pesquisa o foco de estudo será a anáfora sem manutenção do núcleo (anáfora não correferencial), que estudaremos a seguir considerando como um dos elementos possíveis na Língua Portuguesa e que podem auxiliar na interpretação textual.

1.4 ANÁFORA SEM MANUTENÇÃO DO NÚCLEO

A anáfora sem manutenção do núcleo é concebida como um processo ligado à interpretação textual, para tanto se considera a perspectiva de referenciação enquanto “atividade discursiva” que ocorre na construção e na reconstrução de objetos de discurso, e considerando que essa forma de focar a referenciação adota função importante no processo de composição de sentidos do texto, adotamos em nossa pesquisa, dentre os diversos elementos referenciais que guiam tal processo a anáfora não correferencial ou a anáfora sem manutenção do núcleo.

Em meio às anáforas sem a manutenção do núcleo, lançamos primeiro as retomadas por pronominalização. Tal estratégia é empregada para impedir a repetição de um nome, permitindo que o texto fique menos sobre carregado, amparando no seguimento do parágrafo, assim como na manutenção referencial. Analisamos o exemplo concedido por Koch (2009, p. 86):

(04) No nordeste brasileiro, *e/les* têm as mais belas praias do mundo.

Nesse enunciado, como podemos observar, o pronome *e/les* remete aos habitantes do nordeste brasileiro, que não está explícito no texto, exigindo que o leitor faça inferências.

Citamos como recurso de retomada sem a manutenção do núcleo as expressões nominais referenciais, foco de nosso estudo. De acordo com Koch (2006) as expressões nominais são classificadas em definidas ou indefinidas. Primeiramente as estruturas linguísticas efetivadas têm o seu determinante definido seguido por um substantivo, ao se tratar das características de um referente devemos considerar o texto e contexto pelo qual foi inserido pelo locutor.

Quando o produtor escolhe uma expressão nominal definida, acontece a recategorização de um referente, sinalizando sua opinião e intenção, ou melhor, as seleções são determinadas pelo produtor para alcançar seus objetivos na interação proposta. Exemplificamos com Koch (2009, p. 88):

(05) Têm ocorrido rumores de que o governo estuda medidas severas para contornar a crise. Na verdade, *o pacote fiscal* a ser editado nos próximos dias irá aumentar ainda mais o desemprego no país.

Ao optar por determinada descrição definida, o produtor recategoriza um referente, sinalizando suas opiniões e crenças, ou seja, as escolhas são realizadas de acordo com os objetivos desejados pelo produtor na interação constituída, a expressão *o pacote fiscal*, essa expressão nos leva a entender que será analisado e anunciado um pacote ou medida que tem relação com a situação que se encontra o desemprego no Brasil que provavelmente irá piorar ainda mais a situação.

Koch e Elias (2006, p. 135), afirmam que as perspectivas teóricas consideram que “a referenciação pode dar-se, também, pelo uso de expressões nominais indefinidas, com a função anafórica”. Essa descrição indefinida não se

restringe a empregar modernos referentes, todavia ela ainda pode retomar um referente que antes foi introduzido no texto. Observamos também, Koch (2009, p. 90), os exemplos (06) – (07):

- (06) *Leio no jornal a notícia que um homem morreu de fome (...)*
Um homem morre em plena rua, entre centenas de passantes. *Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa* – não é um homem. E outros homens cumprem o seu destino de passantes, que é o de passar (Sabino, F., *A mulher do vizinho*, 8. ed., Rio de Janeiro, Record, 1962).

No exemplo (06), o referente constrói-se por meio das expressões nominais, pois, o protagonista atribui características, importante observarmos que ao introduzir junto aos substantivos os artigos indefinidos *um* e *uma* tem a intenção de deixar indefinidamente a quem realmente se refere, conforme suas opiniões consegue justificar que na verdade não se refere a *um homem*.

Quanto no exemplo seguinte tem:

- (07) O assassino havia encontrado *sua próxima vítima*. No dia seguinte, a polícia encontrou *uma mulher estrangulada* no parque central da cidade...

Esse exemplo apresenta a maneira que *sua próxima vítima* se constrói textualmente por meio da expressão nominal indefinida. Nessa ocorrência, a utilização das expressões destacada enfoca intensamente a característica da vítima em questão.

Temos também a retomada exposta por Koch (2006) denominada como anáfora especificadora. Tal divisão acontece quando possui especificação ou refinamento de uma categorização por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, que, de acordo com a autora, aceita congregar informações novas ao objeto de discurso. “Esse tipo de expressão anafórica é frequentemente introduzida pelo artigo indefinido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 142). Consideramos que um referente anteriormente mencionado em um conjunto que já foi referido. Como citado por Koch (2009, p. 104), vejamos os exemplos (08) e (09):

- (08) *Um grupo de colegas* entrou na sala. *Um rapazinho loiro* acenou para mim.

(09) Preciso consertar o telhado. *Uma telha* está quebrada.

Percebemos que no exemplo (08) o hiperônimo é *um grupo de colegiais*, especificado e retomado pela expressão *um rapazinho loiro*, percebemos que *um grupo de colegiais, ou seja, um grupo* indefinido de alunos é o grupo a qual *um rapazinho loiro* pertence e como temos determinantes indefinidos não podemos saber especificamente a quem as expressões estão se referindo. Quanto ao exemplo (09) o hiperônimo telhado foi explicitado e retomado pela expressão *uma telha*, o que proporciona o esclarecimento do referente demonstrando assim que de todo o conjunto maior telhado precisa-se consertar apenas *uma telha*, assim proporcionando informações e auxiliando o leitor na interpretação de tal hiperônimo, ou seja, o objeto de discurso é construído e especificado no transcorrer do texto.

Temos também, como anáfora não correferencial, a paráfrase anafórica, concretizada por expressão nominal, que pode assumir como papel a elaboração de definições, facilitando assim, o entendimento de determinado termo e esclarecimento de dúvidas. Essas paráfrases podem ser definicionais ou didáticas. De acordo com Koch e Elias (2009) as paráfrases anafóricas definicionais e didáticas são consideradas por funções das expressões nominais referenciais. Explicam que as definicionais tem como papel principal a elaboração de definições, enquanto nas paráfrases anafóricas didáticas a definição que se mostra na expressão introdutora. A seguir, citamos um exemplo para cada tipo de paráfrase anafórica:

Primeiramente exemplificamos com uma entrevista da revista *Veja*, da qual teve como tema “A importância de o Supremo Tribunal Federal liberar as pesquisas com células troncos”, de acordo com o exemplo (10), a pesquisadora afirma que

(10) A grande barreira para desenvolver tratamentos é que ainda não temos total conhecimento sobre *a diferenciação celular, ou seja, o processo* pelo qual uma célula tronco se transforma em outro tipo de célula. (*Veja*, pesquisadora Mayana Zatz. Edição 2050, 5 de março de 2008).

Exemplifica-se a paráfrase anafórica definicional, visto que o termo para ser definido é “diferenciação celular”, o qual foi retomado por um nome, precedido de determinante definido “o processo”, acompanhado de sua especificação, quanto ao

conectivo, **ou seja**, podemos afirmar que é fundamental para introduzir a definição termo que foi definido.

Na revista *Caros Amigos* encontra-se o exemplo de paráfrase anafórica didática, com o tema “O mercado de trabalho e a desigualdade no Brasil”, observa-se que conforme o exemplo (11) na sua entrevista o economista Pochmann declara que

(11) Com o encerramento da 2ª guerra, estabelece-se a *Assembléia Geral das Nações Unidas*, ou seja, a *ONU* [...]. (*Caros Amigos*, economista Márcio Pochmann, número 149, agosto 2009, p. 27).

A definição mostra-se como expressão introdutora, *Assembléia Geral das Nações Unidas* é um termo que precisa de definição, então se expõem após, *ONU*.

Observamos que nesse exemplo para que o referente fique bem claro com o uso do conectivo, ou seja, introduz-se uma retomada que explica melhor realmente de quem se está referindo.

Outra definição de retomada de um antecedente acontece por meio de expressões sinônimas ou quase sinônimas. Exemplificamos com (KOCH, 2006, p. 265):

- (12) **Os bugios** não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para **estes símios** e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões.
Os bugios, aliás, parecem a todo instante, comprovar as teorias de Charles Darwin.
Nada mais parecido com um lutador de luta livre do que **um desses macacos** batendo no peito e roncando para amedrontar o adversário. (Zero Hora, 17/05/ 1992, p. 4).

Nesse exemplo percebemos que o produtor difunde enquanto referente **os bugios** e, ao retomá-lo, usa sinônimos, o que proporciona o máximo de conhecimento de vocabulário ao leitor, assim como colabora para a constituição estilística textual como também a semântica, fazendo assim o texto coeso.

Tendo em vista às descrições definidas, já mencionadas, estas podem ser empregadas para concretizar uma sumarização, no momento que uma expressão abrevia ou sumariza um conteúdo já apresentado. Assim, de acordo com Koch (2004) denomina a descrição definida como anáfora rotuladora. De acordo com

Biezus (2010)² *apud* Queirós (1961), citamos a utilização da descrição definida no conto de Queirós (1961):

- (13) Ela endereçou sua desonrosa carta a **D. Rui de Cárdenas** [...]. (Linha 245). Bem poderia **êsse D. Rui de Cárdenas** desconfiar, não aceder ao convite tão abertamente amoroso, e depois mostrar por toda a Segóvia, rindo e triunfando, aquela carta em que lhe fazia oferta do seu leito e do seu corpo a mulher de Alonso de Lara! Mas não! **o desventurado** correria a Cabril – e para morrer, miseravelmente morrer no negro silêncio da noite, sem padre, nem sacramentos, com a alma encharcada em pecado de amor! (Linhas 269-274).

Concordamos com Biezus (2010) ao afirmar que o uso da descrição definida **o desventurado** faz se pensar no posicionamento do produtor a respeito do referente **D. Rui**. Considera-se que Leonor se comove pelo homem que nem a ideia de viver tinha. A expressão citada faz com que o leitor sinta essa emoção, e considere que Rui verdadeiramente é um desventurado, visto que, por amor, ele seria escolhido para morrer na armadilha, a isca foi à carta mandada, o que levou ele até a armadilha do esposo de Leonor.

Importante ressaltar que ao utilizarmos uma expressão nominal, na maioria das vezes não somente rotulamos ou recategorizamos um referente, bem como avaliamos nosso próprio dizer. Essa é uma das características da categorização metaenunciativa. Citamos Koch (2002, p. 40) como exemplos a seguir (14) e (15):

- (14) O que falta é um promotor ter a iniciativa de trazer a gente para fazer uma turnê decente no Brasil. A bronca não é de nenhum popstar ou dinossauro do rock que ainda não pisou no país, mas do mineiro Max Cavallera, ex-vocalista do Sepultura e atual líder do Soulfly (FSP, Folhateen, 26/03/01, p.5).
- (15) Entrevista do presidente do TSE Nelson Jobim:
 Folha – Houve uma leitura no meio político de que o TSE tomou a decisão [verticalização das coligações] causa da amizade entre sr. e Serra. A verticalização beneficiaria a pré-candidatura dele?
 Jobim – Em primeiro lugar, a decisão não foi monocrática [individual]. Foi tomada por 5 a 2. Esse pressuposto é equivocado. Por outro lado essa afirmação não verdadeira parte também desse paradigma político-eleitoral. Ela parte da idéia de que, como beneficia alguém, foi tomada com esse objetivo. Isso não tem sentido. (Entrevista concedida pelo Presidente do TSE à FSP, publicada em 27/04/2002, A-6).

² BIEZUS, Marly de Fátima Gonçalves Tavares. Processos de retomada em conto de Eça de Queirós: Um olhar voltado para o ensino. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2010.

Nos exemplos (14) e (15) citados acima as expressões destacadas, podem sumarizar as mencionadas anteriormente, cada uma das expressões mostra certo estado de avaliação referente o tema abordado. Consideramos que os rotuladores metadiscursivos são ferramentas que servem para manipular, as quais podem contribuir na organização do texto, quanto na orientação do leitor na interpretação textual conduzida e obtida com sucesso, concordando assim, com as ideias do produtor.

A probabilidade de orientação aos sentidos textuais por meio das escolhas linguísticas atuais no procedimento de referenciação, por meio das retomadas não correferenciais sinaliza o precário relacionamento que se constitui entre os conhecimentos de referenciação e argumentação.

Segundo Reis (2012) o uso de anáfora não correferencial contribui para que o texto fique bem organizado, coloca nova informação a propósito do referente e institui-se em estratégia de direção argumentativa, visto que, ao reparar os objetos de discurso os indivíduos baseiam na direção de seus propósitos, buscando satisfazer por meio da linguagem.

Lembramos que dentre todas as anáforas não correferenciais, em nossa pesquisa as escolhidas para estudo serão as expressões nominais referenciais. A seguir, vamos introduzir os capítulos que foram escolhidos para detalharem de forma breve características e entre outros fatores importantes que estão relacionados à obra escolhida para análise *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

CAPÍTULO II

GÊNERO ROMANCE

Para o início da discussão sobre o gênero textual romance consideramos como fundamental abordar o termo romance de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Ferreira (2004) o qual defini romance em várias acepções:

romance *sm.* **1.** Descrição mais ou menos longa das ações e sentimentos de personagens fictícios, numa transposição da vida para um plano artístico. **2.** Descrição ou enredo exagerado ou fantasioso. **3.** Poema ou canção sobre feitos históricos, aventuras e amores. **4.** *Bras.* Narrativa poética da literatura popular nordestina, esp. sobre assunto amoroso, ger. em sextilhas ou setilhas. **5.** Ligação amorosa; caso, namoro. (FERREIRA, 2004, p.714).

Com essa definição podemos entender previamente as possibilidades e o que se caracteriza como gênero romance.

De acordo com Silva (1991) esse gênero definiu-se como “forma literária pertencente ao gênero narrativo, vem sofrendo, durante os últimos três séculos, uma forte evolução no âmbito histórico e estrutural” (SILVA, 1991, p.01). Considera-se então, principalmente a sua evolução que o torna cada vez mais um gênero rico, criativo e moderno, sendo então, uma criação ampla e artística da literatura.

Para melhor entendimento das mudanças e designações do “romance” consideramos Silva (1991) que vem contribuir afirmando que

[...] Na Idade Média, o vocábulo romance designou primeiramente a língua românica, considerado vulgar por se tratar de uma língua originária do Latim vulgar e não do Latim clássico e já havendo sofrido profundas modificações em relação a este idioma. Só mais tarde é que a palavra romance passou a designar um estilo literário adotado de profundo sentimentalismo inicialmente, narrado em verso e, posteriormente em prosa. (SILVA, 1991, p. 01).

De acordo com Maussad Móises (1973) citamos alguns tipos de romances existentes na literatura, ressaltando que o gênero romance aqui mencionado é amplo. Classificados em “o romance urbano e de costume, o romance sertanejo ou regionalista, o romance histórico, o romance indianista, o romance psicológico, o romance gótico, o romance policial, o romance de cavalaria” (MOISÈS, 1973, p. 293-295).

Vale observar que, o romance que será abordado como *corpus* de análise da nossa pesquisa será a obra que representa muito bem o romance regionalista (tipicamente brasileiro), do mestre Graciliano Ramos Vidas Secas. Portanto, faremos uma breve abordagem das principais características do romance regionalista que de acordo com E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia (2010) designa-se como “o romance cuja acção tem lugar num ambiente (rural) específico, intensamente caracterizado. Subgênero que, tal como o denominado “romance de espaço”, focaliza a sua atenção no *modus vivendi* e paisagem (natural e humanizada) de uma determinada região geográfica” (CEIA 2010).

Acredito que todas as definições e características apresentadas que compõem o gênero romance e especificamente o gênero regionalista, facilitará a melhor compreensão da obra escolhida e todos seus aspectos literários contribuidores para a formação da obra.

2.1 GRACILIANO RAMOS

Um breve relato sobre o escritor será feito de acordo com o seu próprio livro Ramos (2010, p. 139-145), obra essa que conta o romance, a biografia e suas obras. Primeiramente então, devemos citar que Graciliano Ramos (1892-1953) é reconhecido como um dos mestres do Regionalismo, grande romancista, cronista e contista brasileiro. As obras de sua autoria passam no Nordeste brasileiro e descreve o povo do Nordeste, do clima, da realidade, com linguagem direta e da própria região.

Graciliano Ramos nasceu no interior de Alagoas, mas pertencia a uma família que se mudou muitas vezes, por todo Nordeste. Mais tarde ele mudou-se para o Rio de Janeiro e depois de volta para a Palmeira dos Índios (AL), cidade onde conseguiu realizar seus estudos. Em Palmeira casou-se, estabeleceu no comércio e chegou a ser prefeito da cidade.

Nessa época Graciliano foi descoberto como romancista, pois ao escrever um relatório um editor desconfiara tratar-se de um romancista de gaveta. Realmente, Graciliano estava escrevendo havia muitos anos seu primeiro romance, Caetés. No

mesmo período escreveu São Bernardo que foi sua primeira obra da trilogia que é a obra que incluiu Angústia e Vidas Secas.

Por último, um acontecimento marcante em 1936, onde ele foi acusado de comunista e acaba preso pelo regime Getúlio Vargas, sendo acusado sob a acusação de subversão. Surgem então, Memórias do Cárcere em (1953) que relata exatamente sua experiência na prisão. Em 1937, foi solto e transfere-se para o Rio de Janeiro e continua publicando suas obras, como os romances, os contos e também livros infantis. Em 1938 escreveu Vidas Secas e em 1945 filia-se no Partido Comunista Brasileiro. A viagem para Rússia e outros países socialistas relatada em Viagem (1953), ano que Graciliano Ramos morreu.

2.2 VIDAS SECAS

Primeiramente destacamos que como *corpus* da nossa pesquisa foi selecionada uma obra literária riquíssima, porém esclarecemos que o foco em nosso trabalho não será a análise literária como já esclarecido na *Introdução* de nossa pesquisa. Entretanto, não discutiremos aqui opções estilísticas e literárias, pois não é o enfoque de nossa pesquisa. Ressaltamos que no decorrer de toda a nossa pesquisa buscamos realizar uma possível reflexão sobre a interpretação textual, tendo também como objeto de estudo os elementos linguísticos que são essenciais para o leitor no momento que necessita de entender, interpretar e definir um sentido ao texto, ao recorrer neste instante pelo processo de referenciação que podemos considerar como forte aliado neste trabalho.

Consideramos Dutra³ (2011) ao afirmar que Graciliano Ramos fez parte da segunda fase do Modernismo brasileiro. Tendo em vista que essa geração de escritores é considerada como geração de 30. A segunda fase desse movimento concretizou as ideias da fase antecedente, que pretendia destacar as virtudes brasileiras, como também lutar versus as coisas que permaneciam erradas.

Assim, os romances desta época, tinham como objetivos principais as causas sociais, desempenhado a função de denúncia, fazendo então, críticas

³ Disponível em <http://redes.moderna.com.br/tag/vidas-secas/> Editora Moderna- Educação de Qualidade acesso em 28/02/2013

sociais. Nesse momento a região da seca do Nordeste encontrava-se com uma visão voltada a ela e, ou seja, foi um dos assuntos de muitas obras. Devido essa função social é considerada pelos especialistas como a fase neorrealista, pois afinal, desempenha ideias inauguradas, por meio dos romances de Machado de Assis, assim, podemos observar uma forte característica exemplificando algo em comum que seria a busca do condicionamento do caráter humano pelo meio em que ele vive. Ressaltamos que no contexto político, os escritores da geração modernista de 30 presenciaram o Golpe de Estado que iniciou a Era Vargas, a ditadura do Estado Novo, momento esse que o nosso país teve como governante Getúlio Vargas.

Baseando-se em Batista⁴ (2008) a crise da economia gerada pela queda da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise cafeeira, a Revolução de 1930, o forte e acelerado declínio do nordeste condicionaram um novo estilo de ficção, de maneira mais adulta, amadurecida, moderna que se distinguiria pela rudeza, e por ter uma linguagem ainda mais brasileira, por um aspecto direto dos acontecimentos, por uma retomada do naturalismo, especialmente no plano da narrativa documental, desencadeando, de tal modo, um romance nordestino, com liberdade temática e rigor de estilo na década de 1930.

Consideramos Bossi (1994) que afirma que a obra de Graciliano é o nível mais alto de conflito entre o eu do escritor e a sociedade na qual se desenvolveu. Afirma o autor que,

O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro de todos os comportamentos. (BOSSI, 1994, p. 402, grifo do autor).

Percebemos que nas obras de Graciliano o escritor tem o papel de crítico para retratar a realidade social da sociedade em questão. De acordo com a própria obra o romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos podemos relatar que o livro apresenta fielmente a realidade brasileira dos anos 30, na região nordestina do nosso país, entretanto, se refletirmos de forma crítica têm as possibilidades de identificarmos questões sociais que ainda estão presentes na sociedade atual.

⁴ Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=529953> acesso em 28/02/2013.

Entre elas podemos citar a injustiça social, a desigualdade, a miséria, a fome e a seca. Imaginamos então, as péssimas condições de sobrevivências postas para o ser humano, que pelos fatos não podemos considerar como condições dignas e justas.

Com um regionalismo crítico Ramos faz uma relação entre o homem e o meio. Tendo em vista, o romance no contexto brasileiro entre 1930 e 1940, Bosi (1993) afirma,

[...] abalos sofridos pela vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma retomada do Naturalismo. Bastante ficcional no plano da narração-documento que então prevalecia, porém, ao realismo “científico” e “impessoal” do século XIX, os romancistas de 1930 preferiram uma visão crítica das relações sociais, conferindo à obra de alguns escritores a grandeza de testemunho e de julgamento (BOSI, 1993, p. 438).

Todas as características citadas acima são relatadas pelo escritor por uma linguagem clara, que descreve muito bem toda a situação da época entre o homem, ambiente e os problemas impostos. Para tanto, as personagens criadas por Ramos para representar a família do romance são Fabiano, nordestino, ignorante, pobre, desempregado, sem dom com as palavras, jogador de baralho, que tem como vício a bebida alcoólica. Sinhá Vitória, a mulher de Fabiano, mãe de dois filhos, sofredora, batalhadora e inconformada pelas condições que vivem. Os Filhos, que são as crianças miseráveis, que não entendem a miséria pela qual passam. O Patrão, homem desonesto, explorador e o que contrata Fabiano para trabalhar na fazenda. A Baleia, a cadela tratada como gente pertencente à família e querida pelos filhos de Fabiano, entre outros como o Soldado Amarelo, o Papagaio e o seu Inácio que é o proprietário do bar.

O livro divide-se em treze capítulos nomeados em Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinha Vitória, O menino Mais Novo, O Menino Mais Velho, Inverno, Festa, Baleia, Contas, O Soldado Amarelo, O Mundo Coberto de Penas e o último, Fuga.

O primeiro capítulo “Mudança”, conta a trajetória feita por Fabiano, Sinhá Vitória, a Baleia e os dois filhos (o mais novo e o mais velho), pelo sertão que castigava todos pela seca.

No segundo “Fabiano”, o sertanejo compara a situação que tinham chegado à fazenda e como estavam bem naquele momento. Porém, logo é expulso pelo patrão, mas insistiu e continua por ali. Ele com uma linguagem muito distante dos homens e bem próximas dos bichos.

Em a “Cadeia”, terceiro capítulo relata a ida de Fabiano à feira da cidade para comprar alguns mantimentos e a sua visita a bodega de seu Inácio para beber pinga. Fabiano encontra o Soldado Amarelo que convida para um jogo de baralho, esse encontro não termina bem, devido à provocação feita pelo Soldado Amarelo a Fabiano por ter pedido o jogo, ele perde a paciência e ofende a mãe do Soldado. Por isso, Fabiano passa a noite preso na cadeia, onde leva uma surra.

No quarto capítulo “Sinha Vitória”, trata-se do mau humor da esposa de Fabiano, que não acorda muito bem, fica então agressiva com a Baleia, reclama da cama de varas a qual não é tão boa como a cama de couro, cama essa que é o sonho muito distante da Sinha Vitória.

No quinto capítulo “O Menino Mais Novo”, descreve a admiração do filho pelo pai. O menino observava Fabiano colocar os arreios na égua e depois tenta montar no bode, pelo qual é derrubado, ou seja, ainda não conseguia ser igual ao pai. Porém, o filho pensava em crescer e ser como seu pai e fazer as mesmas coisas, como por exemplo, andar de facão na bainha e fumar cigarro de palha.

O sexto capítulo “O Menino Mais Velho”, relata a surra dada pela mãe no filho por se sentir incomodada. O Menino Mais velho por não saber o significado da palavra inferno, questiona a mãe que mal sabe responder o filho. O filho sai e encontra a Baleia tenta contar uma história, mas com seu vocabulário pequeno, não consegue por falta de palavras. Ele continua a pensar que os todos os lugares que conhece são bons, então questiona qual seria a forma de saber o que é o inferno.

No sétimo capítulo “Inverno”, apresenta a reunião de toda a família em torno do fogo. Fabiano e Sinhá tentam conversar, mas não consegue ter bom diálogo, pois as frases são soltas, com muitas repetições e inconveniências. No inverno tiveram as chuvas, Fabiano estava nesse momento despreocupado com a seca. Entretanto ele sempre se lembrava do momento humilhante em que o Soldado Amarelo o fez passar.

O oitavo capítulo “Festa”, relata uma tarde calorosa que Fabiano e sua família, na companhia de Baleia, foram para cidade para a missa de Natal. As roupas sertanejas que estavam vestidas incomodaram e os meninos ficam assustados logo que chegaram à cidade e Fabiano na igreja se lembra da cadeia e a sensação que sentiu naquele lugar e ainda não se sentiu bem por se achar inferior aos outros homens que estavam ali.

No nono capítulo “Baleia”, encontra-se a descrição do animal da família que é tratado como gente, a tão querida cadela Baleia. A cadela Baleia estava muito mal e provavelmente morreria. Magra, com seu pelo caindo, com hidrofobia. Pelo péssimo estado que Baleia se encontrava Fabiano resolve matá-la. Sinha Vitória recolhe os meninos para a casa da fazenda, eles que estavam desconfiados e assustados, por deduzirem o que aconteceria. Baleia tenta se esconder, mas Fabiano consegue baleiar a cadela. Depois de ser atingida corre em três pés e dois pés. Ela foge, agoniza e sonha com um mundo cheio de preás.

No décimo capítulo “Contas”, Fabiano sempre endividado, ao acertar as contas com seu patrão explorador, nervoso perde a paciência e é mandado embora. Logo se desculpa com o seu patrão e volta a ser empregado da fazenda novamente. Fabiano sentia imenso ódio, pela seca, do patrão do soldado, do governo. Considerava a situação vivida como sina, então esse seria seu destino e o destino de sua família também, impossível de mudar. Fabiano sempre indignado por saber que os homens de melhores condições insistiam em roubar o que era seu.

No décimo primeiro capítulo “O Soldado Amarelo”, relata o reencontro de Fabiano e do Soldado Amarelo que tinha o humilhado um tempo atrás. Fabiano ameaça com o facão e sentiu que o Soldado fica com medo, mas ele não tem coragem de fazer vingança. Fabiano não conseguia esquecer a humilhação feita pelo Soldado, apesar de tudo fica calmo e ensina o caminho que o Soldado precisava.

No décimo segundo capítulo “O Mundo Coberto de Penas”, descreve a migração de aves que significava a seca se aproximando. Fabiano fica apreensivo e inseguro. Tendo como preocupação então, uma próxima viagem que teria que ser feita. Começa a se conformar com a situação e pensar que de forma alguma teria

como fugir das contas, da fazenda, da velha recordação de Baleia e do Soldado Amarelo.

No décimo terceiro e último capítulo “Fuga”, a família de retirantes resolve fazer uma nova caminhada. O pobre sertanejo tinha esperanças e acredita que Sinhá Vitória aguentaria uma nova marcha. Os filhos com o tempo aprenderão a ser vaqueiros, entre outro lugar, com escola, e assim serão bem diferentes. A família andava para o Sul em busca desse sonho que acreditavam dar certo.

Concordamos com Coutinho ao afirmar que “trata-se de obra inquietante e de inquietação, denunciadora e angustiada” (COUTINHO, 2001, p. 390). Considerando que Graciliano Ramos tem como forte característica ser um regionalista crítico, podemos perceber em sua obra características como a preocupação com os problemas sociais, políticos, a péssima situação geográfica e histórica da região que provoca a aniquilação do homem e precárias condições de vida.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos os passos que foram necessários para a seleção do *corpus* da nossa pesquisa, que definimos de caráter qualitativo e bibliográfico. Para melhor compreensão de maneira breve e clara discutiremos sobre o modelo de pesquisa adotado.

De acordo com Silva (2005) afirmamos que “a Metodologia tem como função mostrar a você como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo.” (SILVA, 2005, p. 09).

Podemos considerar que é fundamental para todo trabalho a metodologia, pois é ela que nos permite ter como base o suporte teórico e prático necessário para que ao fim tenhamos da melhor maneira bons resultados.

3.1 CONCEITO DE PESQUISA

Sabemos que temos vários conceitos de pesquisa e que não se tem definição exata sobre pesquisa. Afirma Marconi (1986) que “são inúmeros os conceitos sobre pesquisa, uma vez que os estudiosos ainda não chegaram a um consenso sobre o assunto”, ou seja, encontra-se em discussão. (MARCONI, 1986, p. 15).

Segundo Gil (1999), podemos definir que a pesquisa é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. (GIL, 1999, p.42).

Ao considerar Egg (1972) definimos pesquisa como um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. (EGG, 1972, p. 28, *apud* MARCONI, 1986, p. 15).

A partir de todas as definições citadas entendemos que a pesquisa realmente nos permite descobrir, criar, aprender e construir novos e próprios caminhos independentes de qual seja a área desde que se tenha um problema proposto que necessita de solução de forma organizada e simples.

Importante compreendermos que a pesquisa é fundamental para colaborar na resolução de questionamentos sociais. Para tanto, consideramos Trujillo (1974) que descreve que a pesquisa tem como função explicar e esclarecer fenômenos do mundo existencial, ou seja, tem-se a possibilidade de entender como ocorre, funciona e estrutura diversos fenômenos e suas influências.

De acordo com Marconi (1986) a pesquisa surge de um determinado problema e questionamento. Entretanto, a pesquisa tem-se a precisão de certo problema e fenômeno, que a partir de hipóteses criadas por meio da pesquisa seja descartada ou afirmada.

Por meio dessa ferramenta importante podemos realizar nosso trabalho baseando-se em teorias que serviram como base para obter um resultado bem sucedido, além de se apoiar nos dados resultantes da pesquisa e levados pela curiosidade, pela busca, a possibilidade de confirmação de algumas hipóteses do presente trabalho foi válida.

3.2 CARÁTER DE PESQUISA

Sabemos que existem diversos tipos de pesquisa e muitos critérios de classificação, entretanto em nossa pesquisa utilizamos a pesquisa de cunho qualitativa, do tipo pesquisa bibliográfica, esses dois tipos foram os escolhidos e colaboradores para a realização do trabalho.

Quanto à definição desses dois tipos na nossa pesquisa citamos Silva & Menezes (2000) ao afirmar e citar que,

a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicas no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o

pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA & MENEZES, 2000, p. 20).

Para a definição da pesquisa bibliográfica segundo Gil (1991) é a que sua elaboração informações já escritas, como por exemplo: livros, jornais, artigos, teses, dissertações e os materiais que encontramos na internet. Esses materiais que foram escritos e publicados que podem ajudar nos estudos propostos.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada no romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, especificamente no primeiro capítulo “Mudanças” e no segundo capítulo “Fabiano”. Primeiramente se fez necessário à leitura da obra e após a seleção de todas as retomadas sem manutenção do núcleo para só assim realizar a classificação, análise e interpretação das mesmas.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE

Este capítulo destina-se a abordagem do *corpus* para análise desta presente pesquisa. Entretanto, os critérios utilizados para a seleção e delimitação do romance tiveram como fundamental a ocorrência das estratégias referenciais constituídas por meio das anáforas aqui valorizadas, as quais se apresentam no romance com determinada frequência no romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Considerando suficiente, analisamos o capítulo um e dois de tal Romance, “Mudança” e “Fabiano”.

Ressaltamos que esse romance foi escrito por um escritor espetacular que representa muito bem esse gênero, especificamente nesse caso o romance regionalista, como descrito nos capítulos anteriores. Apresentamos a análise do processo referencial constituído por meio de expressões nominais definidas e expressões nominais indefinidas apontadas como anáforas não correferenciais.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, preferiu-se por designar de **referente** à primeira aparição de determinado objeto de discurso e de **retomada** as retomadas analisadas.

Abaixo apresentamos quadros, nos quais se divulgam redes de retomadas. Selecionaram-se no decorrer da análise dos capítulos escolhidos 10 ocorrências de retomada, julgadas satisfatórias para ilustração da pesquisa concretizada. As relações de referenciação, e os elementos linguísticos analisados, a partir da análise proposta apresentam-se nos quadros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 são os pertencentes ao primeiro capítulo “Mudança” e ao segundo capítulo “Fabiano”.

Observamos que foram lançadas retomadas que mostram as relações produzidas pelas expressões que compõem os quadros, os quais são fundamentais para mapear a atividade de construção da narrativa estabelecida por Ramos (2010).

No quadro 1, apresentamos as retomadas relativas ao referente *Os infelizes*.

1	Os infelizes ⁵	Expressão nominal definida	I. 2 ⁶
1.1	os retirantes	Expressão nominal definida	I. 62
1.2	a família	Expressão nominal definida	I. 80
1.3	os fugitivos	Expressão nominal definida	I. 138/139
1.4	todos felizes	Expressão nominal indefinida	I. 201

Quadro 1 Retomadas de Os infelizes

As retomadas apresentadas no quadro 1 apontam como referente *Os infelizes*, esse que é compatível às personagens que compõem a obra. Quando se introduz o objeto de discurso *Os infelizes* tem-se a possibilidade de manejar o processo da narrativa por meio de diversos elementos linguísticos que classificam, ou melhor, itens que podem ser explorados pelo autor. Os itens lexicais *os retirantes*, *a família*, *os fugitivos*, *todos felizes* são recuperados pelo autor, esses que são retomados a partir do referente *Os infelizes*.

Percebemos que no romance existem marcas de vidas realmente secas, assim como o nome diz e a forma que o autor vai selecionando objetos do discurso que mais se aproximam das características necessárias a serem expressas naquele contexto. Portanto, para cada expressão tem-se uma razão e uma intenção.

De acordo com Ramos (2010) ao predicar os personagens como *os retirantes*, *a família*, *os fugitivos*, *todos felizes* percebe-se que são os despojados de tudo que favorece a vida, a dignidade humana, o trabalho e qualquer condição necessária e mínima para se viver, assim retrata os que têm fome, sede, os que enxergam a miséria e a morte naquele lugar seco, definitivamente *a família*, *os fugitivos*, ou seja, os migrantes em busca de melhorias, esses que de qualquer forma precisam fugir da situação degradante, mesmo sem esperança de vida e sem destino.

Quanto à retomada *todos felizes* nos surpreende ao ser introduzido no texto, tendo em vista que até o momento só tivemos a oportunidade de relatar e refletir sobre tristeza e sofrimento, porém podemos destacar que o autor retoma essa

⁵Para melhor entendimento é importante lembrar que quando for identificada em nosso trabalho a introdução de novo objeto de discurso será considerado como *referente*, quanto às retomadas serão denominadas como *retomadas*.

⁶ Nessa coluna, estão sugeridas as linhas em que as expressões mencionadas se localizam no romance.

expressão no instante em que a família encontra uma fazenda e ficam felizes da vida nesse lugar, onde para eles apesar de também ser por vezes um lugar sem vida já tinham sofrido tanto que só por ter uma moradia, trabalho, comida e sombra pareciam estar no paraíso.

Assim, o autor utiliza-se das anáforas não correferenciais, por exemplo, no Quadro 1 que temos as expressões nominais definidas e expressão nominal indefinida de forma bem real para representar e descrever *Os infelizes*. Tendo em vista que além do autor estabelecer a coesão textual por meio das expressões nominais anafóricas, também estabelece o significado textual.

A seguir apresentamos o quadro 2, que identificamos como referente *O menino mais velho*.

2	O menino mais velho	Expressão nominal definida	l. 16
2.1	o pequeno	Expressão nominal definida	l. 19
2.2	O piralho	Expressão nominal definida	l. 29
2.3	o filho	Expressão nominal definida	l. 39
2.4	um defunto	Expressão nominal indefinida	l.46
2.5	o anjinho	Expressão nominal definida	l.47

Quadro 2 Retomadas de *O menino mais velho*

A introdução do referente, no Quadro 2, ocorre por meio de uma expressão nominal definida, *O menino mais velho*. Essa retomada refere-se a um dos filhos de Fabiano que durante todo o livro não apresenta um nome próprio como nós, isso que chama nossa atenção, pois na maioria das vezes o autor refere-se como podemos observar no quadro 2.

É importante primeiramente entender qual é a intenção do autor não dar nomes próprios aos filhos de Fabiano como identificamos primeiramente *O menino mais velho*, essa opção do autor nos oportuniza entendermos de diversas maneiras que *O menino mais velho* como *O menino mais novo* está de forma simbólica representando as crianças do nosso país que sofrem com fome, vivem na seca e na miséria, e que infelizmente são vítimas do poder público que nem se quer procura enxergá-las de verdade, essas que podemos considerar o futuro do Brasil. Temos também a possibilidade proposta por Graciliano Ramos que se considera como a

inversão entre a cachorra Baleia quanto aos meninos, ou seja, aos filhos de Fabiano atribui a condição de animalização (zoomorfismo), quanto à cachorra Baleia a humanização e como prova disso a atribuição do nome metafórico Baleia, observando que o nome dado é uma metáfora e está relacionado ao mar que não tem na região, porém, pode ser o sonho de muitas pessoas.

Observa-se que *O menino mais velho* é retomado como *o pequeno*, *O piralho*, *o filho*, *um defunto*, *o anjo*. Consideramos que todas essas caracterizações dadas pelo autor destinam-se ao referente, dando assim perfeitas descrições.

Ao se tratar *o pequeno* entendemos que se relaciona ao tamanho do filho de Fabiano que é o mais velho, porém de estatura baixa e de pouca idade, imagina-se uns nove anos de idade talvez. Em alguns instantes da narrativa percebe-se que não só sinha Vitória e Fabiano, como também as crianças sofrem muito para caminhar e ainda aguentar a fome, a seca, o sol escaldante, a sede, o cansaço e além de tudo isso suportar a braveza do pai que excomunga e deixa o filho acuado. Vejamos o que nos leva a está interpretação a partir da passagem do livro:

- (16) [...] O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.
 - Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.
 Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fecho os olhos.
 Fabiano [...] zangado, praguejando baixo. (Linhas 16 – 23)

Destaca-se aqui que o menino já é visto como *O piralho*, cujo sentido atrela-se a uma descrição que de acordo com Dicionário Aurélio da língua portuguesa Ferreira (2004) afirma que piralho significa “*sm. Bras. Criança, guri.*” (FERREIRA, 2004, p. 633). Afirmamos que é uma criança que tem mínimas condições para encarar a situação que se está inserida, porém não tem escolhas e a única referência que tem são a de seus pais que não tem muito a oferecer, nem mesmo o pão de cada dia que seria o mínimo.

Identificamos também a expressão nominal definida *o filho*, essa que é atribuída ao referente no momento em que seu pai pensa em desistir e simplesmente abandonar o seu próprio filho no meio daquele descampado, naquela paisagem inóspita, naquele lugar arenoso, debaixo de um sol castigador, mesmo

sem condição alguma de vida, logo fica com pena e resolve a ajudar o filho que se encontra desnutrido, pálido, fraco e exausto.

Então, o autor de forma clara seleciona a expressão nominal indefinida *um defunto*, que nos leva a refletir e relacionar o que realmente é *um defunto*, ou seja, uma pessoa totalmente sem vida e acabada com o filho de Fabiano. Percebemos que isso acontece devido às condições da criança que metaforicamente é comparada a um ser morto. Temos então, uma criança que deveria ter condições dignas para viver e crescer de maneira humana e justa.

Por fim, a última retomada é por expressão nominal definida *o anjinho* que percebemos como uma descrição mais carinhosa, calma, essa que é tida devido o pai do Menino mais velho perceber que seu filho realmente estava exausto e que seria impossível abandonar *o anjinho* em lugar como aquele, que ao lermos a obra perceber-se que tem bichos que, por sua vez, devoraria o menino, lembrando que não só a família de retirantes, mas todos os seres vivos daquela região sofriam com a seca e as consequências acarretadas.

Destaca-se aqui o quadro 3, como referente *uma fazenda sem vida*, e as suas possíveis retomadas.

3	uma fazenda sem vida	Expressão nominal definida	l. 104
3.1	daquela fazenda morta	Expressão nominal definida	l. 182
3.2	A fazenda	Expressão nominal definida	l. 210
3.3	daquele mundo	Expressão nominal definida	l. 211

Quadro 3 Retomadas de uma fazenda sem vida

No quadro 3, apresenta-se o referente *uma fazenda sem vida*, lugar esse que no romance é o lugar encontrado pela família de Fabiano depois de longos dias caminhando. No quadro acima, podemos reconhecer a forma que esse lugar foi tratado pelo autor que se utiliza de expressões nominais definidas, retomadas essas que são itens novos que não foram explícitos anteriormente na narrativa, e que ao serem introduzidos servem e estão muito bem relacionados ao referente.

Importante destacar que quando tem se como referente *uma fazenda sem vida*, percebemos que se trata de um lugar que está abandonado, que de acordo

com o autor é a fazenda encontrada por Fabiano, sua família e a cachorra Baleia depois da longa caminhada, esses tiveram a chance de descansar debaixo dos juazeiros e ter a esperança renovada de quem sabe ali encontrariam algum alimento para comer. Ao se observar essa expressão *uma fazenda sem vida* percebemos as duas possibilidades que dessa fazenda sem vida, primeiro podemos imaginar que os moradores dali também são fugitivos da seca, e como segundo opção pela seca, aridez, sol e condição que o lugar se encontrava não era favorável à vida, tendo em vista que para eles poderia ser melhor ali, porém não seria muito diferente do que Fabiano, sua família e a cachorra Baleia já tinham passado.

Quanto à retomada *daquela fazenda morta* à expressão vem constituída por um pronome demonstrativo e o substantivo, sabemos que essa é uma das possibilidades de uma expressão nominal definida. Afirmamos que o autor refere-se com firmeza ao referente apresentado anteriormente de forma determinada, e assim consegue nos mostrar que se refere à fazenda morta e sem vida, ou seja, exatamente *daquela fazenda sem vida* onde Fabiano estava feliz por ser o vaqueiro, pensando que com esse trabalho a sua vida e da família seria um pouco melhor, além das mudanças que aconteceriam nesse lugar que até então estava sem vida.

Destaca-se a retomada *A fazenda* que nos leva a pensarmos exatamente no lugar que Fabiano se esforçaria para morar, ou seja, o lugar que ao encontrar ficaram aliviados e felizes por avistarem sombras (os juazeiros), e sentir que ali existiam algumas possibilidades.

Por fim, a expressão também constituída por pronome demonstrativo que aponta de forma geral, o lugar que o Fabiano seria o vaqueiro e possivelmente o dono pelo menos por enquanto. Ao retomar *daquele mundo* percebe se a grandeza que aquele lugar representou para Fabiano, sinha Vitória e seus filhos, ou seja, para quem não tinha nada, aquele mundo representava muito. Agora estavam instalados e não precisavam migrar em busca de vida e melhores condições, pois o que tinha naquele mundo fazia diferença a eles. Vejamos como o autor descreve a felicidade dos retirantes por encontrar a fazenda seja ela morta, sem vida ou mundo em sua obra:

- (17) Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aio, a cuia de água e o baú de folha pintada. A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brasas.

Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de sinhá Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde. Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir. (Linhas 210 – 222).

No quadro 4, mostramos as retomadas elencadas do referente A seca.

4	A seca	Expressão nominal definida	l. 31
4.1	um fato	Expressão nominal indefinida/rótulo/sumarização	l. 31
4.2	naquele descampado	Expressão nominal definida	l. 39
4.3	A desgraça	Expressão nominal definida	l. 423
4.4	as secas	Expressão nominal definida	l. 455
4.5	daquele perigo	Expressão nominal definida	l. 458

Quadro 4 Retomadas de A seca

Temos como referente *A seca*, em seguida como podemos observar é introduzir por várias vezes no texto por meio de vários itens lexicais. Destacamos primeiramente a retomada *um fato*, ou seja, a seca a qual se refere é retomada como algo tão costumeiro, que faz parte da vida das famílias da região nordestina, especificamente as famílias de retirantes e fugitivos da seca, pois o autor descreve como *um fato* necessário, porém sabemos que o personagem Fabiano sofre como também se irrita com a situação, ele nesse caso pode ser o representante dos habitantes dessa região que com certeza passa pelas consequências, lembrando que o problema da seca em nosso país é histórico.

Destaca-se a retomada pelo pronome demonstrativo e o substantivo forma-se *naquele descampado* que ao considerar Ferreira (2004) descampado é “*adj.* 1. Desabrigado, desabitado. *sm.* 2. Campo extenso, inculto, aberto e desabitado.” (FERREIRA, 2004, p. 298). Consideramos que todas essas definições dadas pelo dicionário nos ajuda a relacionar com o contexto que o autor se refere de maneira correta, quando se retoma e por meio do pronome demonstrativo aponta para *naquele descampado* que se refere ao lugar que Fabiano imagina deixar o filho. Observamos o trecho:

- (18) Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Fabiano [...] acocorou-se, pegou no pulso do menino. (Linhas 38 - 45).

Quanto à expressão nominal *A desgraça* vem reafirmar que tudo estava até bem, entretanto, quando Fabiano percebe que *A seca* estava se aproximando e que poderia realmente chegar de nada adiantaria todo trabalho. Todos tinham a consequência que *A desgraça* chegaria naturalmente e nada pode se fazer a não ser aguentar as consequências. Resgatamos a angustia e o sofrimento de Fabiano só de imaginar a situação, estava para chegar a indesejável seca “ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo.” (Linha 426). Percebemos que esse momento seria como a morte, ou seja, todas as esperanças morreriam e todos viveriam de mal a pior a cada dia, como já estavam acostumavam, porém nesse momento seria pior.

Identificamos ainda por meio de expressão nominal definida a retomada as secas, no final do segundo capítulo o autor introduz essa expressão com a intenção de relatar o momento mais esperados por todos. O sonho de um dia se libertar de todo o sofrimento causa pelas secas, considero que seja um dos trechos mais esperançosos da obra, Graciliano Ramos escreve:

- (19) Um dia... Sim, quando as secas desaparecem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que deveria ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. (Linhas 455 – 459).

Por fim, temos a retomada *daquele perigo*, essa retomada determina por meio do pronome *daquele* e aponta claramente ao referente, *a seca*, pois além de todas as retomadas tem-se essa última lançada pelo autor para esclarece que somente quando “livres” *daquele perigo*, ou seja, libertados e nunca mais atormentados pelas secas, então seriam felizes e teriam uma vida tranquila, prazerosa, digna, humana e favorável da maneira como todo ser humano merece, pois um dia quando as secas desaparecessem, uma vez que, não só as secas que se refere ao clima, mas sim tudo que tira da família de Fabiano como também de várias famílias nordestinas as condições favoráveis para viver.

A seguir, apresentamos o quadro 5, o referente *o animal* e suas retomadas no romance.

5	o animal	Expressão nominal definida/hiperônimo	l. 225
5.1	o bicho	Expressão nominal definida/hipônimo	l. 228
5.2	a novilha raposa	Expressão nominal definida/hipônimo	l. 247
5.3	a novilha	Expressão nominal definida	l. 342

Quadro 5 Retomadas de o animal

Para melhor entendimento destacamos que no quadro 5, temos expressões nominais que de acordo com Koch (2006) temos também a retomada exposta denominada como anáfora especificadora. Tal divisão acontece quando possui especificação ou refinamento de uma categorização por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, que, de acordo com a autora, aceita congregar informações novas ao objeto de discurso.

Temos como referente *o animal* que foi introduzido pelo autor por meio de uma expressão nominal que se caracteriza como uma retomada especificadora que nesse caso a especificação primeiramente identifica-se um hiperônimo, então se tem o termo genérico *o animal* que ao introduzir o autor determina, porém só conseguimos definir pelas retomadas seguintes para ao menos saber quem é o tal animal.

Primeiramente identificamos a retomada *o bicho* que se caracteriza como hipônimo que vem para especificar o referente *o animal* observado anteriormente. Segundo Ferreira (2004) pode-se afirmar bicho é “*sm.* 1. Qualquer animal terrestre. 2. Pessoas muito feia e/ou intratável. 3. *Zool* Broca. 4. *Bras.* O jogo do bicho.” (FERREIRA, 2004, p. 176). Ao observar o contexto da obra e a definição do dicionário percebemos que até aqui se trata realmente de um bicho.

Por meio de uma anáfora especificadora temos o hipônimo, *a novilha raposa*, precisamos entender o significado de novilha raposa, e esclarecer realmente

a intenção do autor. Segundo Ferreira (2004) novilha é “*sf. Vaca nova; bezerra.*” (FERREIRA, 2004, p. 582). Para raposa podemos definir como “(ô) *sf. 1. Zool. Canídeo selvagem, de pequeno porte, predador de aves. 2. Sua pele curtida. 3. Fig. Pessoa astuta.* (FERREIRA, 2004, p. 681). Com essa definição e de acordo com o texto podemos imaginar que *a novilha raposa* é uma metáfora escolhida pelo autor onde nos permiti pensar que a novilha não deve ser considera nesse contexto de acordo o dicionário simplesmente uma vaca nova, pois ao mencionar *raposa* simboliza o animal astuto e esperto.

Por último, destacamos a retomada *a novilha* que de neste momento retrata Fabiano feliz por ter conseguido curar *a novilha* pela reza forte feita no rastro do animal, então, está com a sensação de dever cumprido. O trecho abaixo nos detalha essa passagem de tal cuidado:

- (20) Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado **o animal** teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se **o bicho** não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte. (Linhas 223 – 229).
 [...] A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga **a novilha raposa**. (Linhas 246 – 247).
 [...] Felizmente **a novilha** estava curada com reza. (Linhas 342 – 343).

Abaixo, apresentamos os itens do quadro 6, no qual temos como referente *Fabiano*.

6	Fabiano	Referente	l. 11
6.1	o pai	Expressão nominal definida	l. 17
6.2	o vaqueiro	Expressão nominal definida	l. 181/183
6.3	um homem	Expressão nominal indefinida	l. 259
6.4	um cabra ocupado	Expressão nominal indefinida	l. 262
6.5	um bicho	Expressão nominal indefinida	l. 270
6.6	um macaco	Expressão nominal indefinida	l. 291/292
6.7	um vagabundo	Expressão nominal indefinida	l. 295
6.8	um sujeito	Expressão nominal indefinida	l. 389/390
6.9	uma coisa da fazenda	Expressão nominal indefinida	l. 406

6.10	um traste	Expressão nominal indefinida	I. 406
------	-----------	------------------------------	--------

Quadro 6 Retomadas de Fabiano

A introdução do referente *Fabiano* nos remete a várias descrições que são confusas, pois a cada momento que o autor introduz um novo elemento seleciona algo novo e contraditório. Temos a primeira retomada, *o pai*, cujo sentido está relacionado à figura paterna que tem grande representação para os dois meninos de *Fabiano*. Entretanto, ele como pai tem suas características que por alguns instantes é de um pai grosso, bravo, exigente e impaciente, e em outros um pai de bom coração que luta para sobreviver com a sua família.

Na retomada *o vaqueiro* segundo o contexto que está inserido neste momento é a nova profissão de Fabiano, pois ao encontrar a fazenda morta teria esse trabalho, pelo qual já percebemos tinha muita destreza para fazê-lo e assim, a fazenda ganharia vida e com esse bom vaqueiro o gado estaria bem cuidado e retornaria até para o curral.

Destacamos a retomada *um homem*, encontramos aqui uma retomada formada por um artigo indefinido e o sujeito *homem*, pode afirmar que o autor deixa indefinido e considera Fabiano como *um homem* que pode não possui como veremos no dicionário grande desenvolvimento intelectual, que não se expressa bem e raciocina de forma lógica quando necessário. Entretanto, é importante saber de acordo com Ferreira (2004) que homem definiu-se como:

sm. 1. Qualquer indivíduo de uma espécie animal de mamíferos bípedes, simiiformes, mas com grande desenvolvimento cerebral, capacidade de fala e raciocínio; ser humano. 2. A espécie humana: a humanidade. 3. Ser humano do sexo masculino; varão. 4. O homem (3) sexualmente maduro, ou na idade adulta. [Pl.: - mens.]. (FERREIRA, 2004, p. 454).

Quanto à retomada *um cabra ocupado*, primeiramente devemos definir o que *cabra* é “sf. 1. Zool. Mamífero bovídeo, a fêmea do bode. sm. 2. Bras. Pop. Pessoa, sujeito. 3. Bras. V. capanga (3). 4. Bras. N.E. Cangaceiro. (FERREIRA, 2004, p. 195).” Após essas definições podemos ver que essa retomada se caracteriza como alguém que poderia até ser capanga e/ou cangaceiro, assim estando sempre ocupado com suas obrigações como um típico homem nordestinos.

Destacamos também a expressão nominal indefinida *um bicho*, consideramos que distraidamente *Fabiano* começa em voz alta conversar e a procurar o que realmente ele é, o mesmo faz uma própria auto-avaliação, porém disfarçadamente para não causar nenhum espanto em seus filhos. Com essa expressão podemos afirmar que *Fabiano, um homem, um cabra ocupado*, não se vê como um ser humano (pessoa), mas por algum motivo se orgulha por ser como *um bicho*, ou seja, tão forte como *um bicho* que poderia vencer todas as dificuldades, que anteriormente definimos, porém no caso que estava se referindo a um animal e não a uma pessoa, assim nos causa estranheza dessas definições retomadas a *Fabiano*.

Importante ver que a retomada *um homem e um cabra ocupado, um bicho* tem relação forte, até porque de maneira sequencial bem próxima estão inseridas. Para afirmar observamos no trecho destacado abaixo:

(21) – Fabiano, você é um homem exclamou em voz alta.[...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guarda as coisas dos outros.

[...] Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano. (Linhas 259 – 263).

Destacamos que algumas vezes *Fabiano* tinha atitude de homem e de cabra ocupado (trabalhador e cuidadosa das coisas alheias), porém como ele mesmo se definiu percebemos que em algumas atitudes podemos ver que se comporta como *um bicho*.

Temos a retomada *um macaco*, o autor seleciona essa expressão devido *Fabiano* parecer o animal de acordo com suas atitudes realmente a comparação e descrição faz se uma perfeita associação. O autor ao retomar *Fabiano* como *um macaco* passa o estado que conforme a obra percebe-se que ele tinha atitudes estranhas, ou seja, se comportava em algumas vezes como um animal mesmo e não só nas expressões físicas como também na forma de pensar e se expressar. Portanto, afirmamos segundo o autor que “O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.” (Linhas 290 - 292).

Identificamos a expressão nominal indefinida *um vagabundo*, acreditamos na possibilidade que o próprio contexto da obra nos mostra que nesse instante

Fabiano se senti triste pelo fato de estar naquela fazenda, assim como uma planta (as catingueiras e as baraúnas), está enraizado, uma vez que seu destino é migrar o mundo inteiro como fugitivo da seca, que é levado como *um vagabundo* (à toa).

Mencionamos a retomada *um sujeito*, que o autor introduz na comparação que *Fabiano* faz a seu Tomás da bolandeira ao perceber que ele nunca conseguiria ter o desdobramento que seu Tomás tinha em falar certo, então *Fabiano* observava e admirava muito toda aquela sabedoria, entretanto, no momento que acreditava que podia melhor com a fala e com a maneira de se expressar já acreditava que é “Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.” (Linhas 389 – 390). Percebemos que *Fabiano* a todo o momento se mostra descontente de ser como é e não consegue melhorar sua fala, nem suas condições de vida, se sente como um sujeito que estava destinado a ser como era e ponto final.

Destacamos também a retomada *uma coisa da fazenda*, percebemos que *Fabiano* ao ser tratado como coisa pertencente à fazenda, está longe de ser visto como uma pessoa que trabalha e merece ao menos alguma consideração, podemos pensar assim por identificar que o seu patrão o trata de forma grosseira como se estivesse realmente lidando com *uma coisa*. Para esclarecer o significado de coisa consideramos Ferreira (2004) ao definir

coisa ou cousa *sf.* **1.** O que existe ou pode existir. **2.** Objeto inanimado. **3.** Acontecimento, ocorrência. **4.** Assunto, matéria. **5.** *Pop.* Indisposição indeterminada; troço. **6.** *Pop.* Qualquer objeto; troço. **Coisa pública.** O patrimônio, os negócios, ou os interesses do Estado. (FERREIRA, 2004, p. 243).

Percebemos que nesse caso de acordo com o contexto da obra com os itens 2. Objeto inanimado e com o 6. *Pop.* Qualquer objeto; troço. *Fabiano* é considerado então como qualquer, mais uma vez não é visto como uma pessoa digna, devido suas condições.

Por fim, apresentamos a retomada por expressão nominal indefinida *um traste*, que assim como a retomada anterior mostra que a intenção do autor é mostrar fielmente como *Fabiano* é visto pelo dono da fazenda. Sabemos que traste é um ser qualquer, que assim como *uma coisa*, uma pessoa ou objeto sem valor. Citamos para melhor entendimento o trecho:

(22) [...] e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituiu. (Linhas 406 - 410).

Abaixo podemos observar o quadro 7 que vem apresentar os *filhos* como referente.

7	os filhos	Expressão nominal definida	l. 240
7.1	os meninos	Expressão nominal definida	l. 260
7.2	Esses capetas	Expressão nominal definida	l. 323
7.3	As crianças	Expressão nominal definida	l. 347

Quadro 7 Retomadas de os filhos

Tendo como referente os *filhos* afirmamos que a introdução de objeto de discurso refere-se aos filhos de sinha Vitória e Fabiano, ou seja, como o próprio livro nos mostra “O Menino Mais Velho”, e “O Menino Mais Novo”, crianças que assim como seus pais são pobres, sofridas e miseráveis. As retomadas, assim como o referente acontece por meio de expressões nominais definidas que estão alinhadas no quadro 7.

Destacamos a retomada *os meninos*, essa introduzida no texto quando *Fabiano* ao conversar sozinho em voz alta se retrai ao perceber a presença de seus dois filhos, especificamente *os meninos*, que ficariam assustados por ver seu pai conversar com ele mesmo.

Temos como retomada por meio de uma expressão nominal definida *Esses capetas*. Assim, iniciamos a nossa reflexão definindo que essa expressão é composta por um pronome demonstrativo *Esses* que aponta ao sujeito *capetas*. Importante considerar mais uma vez Ferreira (2004), que defini *capeta* “(ê) *sm. Bras.* 1. V. *diabo* (2). 2. *Fam.* Criança levada, travessa.” (FERREIRA 2004, p. 208). Para tanto, ao considerar a definição criança levada e travessa, ou seja, inquieta e curiosa, como também o contexto podemos afirmar que os *filhos* de sinhá Vitória e Fabiano são crianças terríveis, arteiras e dão trabalho como umas pestes. Vejamos

o trecho que apresenta o motivo pelo qual, o autor introduziu essa retomada e o que levou Fabiano achar estranho o comportamento menino:

- (23) Um das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano [...] Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido como iria acabar? Repeliu-o, vexado:
- Esses capetas têm ideias...
Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. (Linhas 316-325).

Temos como última retomada a expressão nominal definida *As crianças*, essa retomada aparece no momento em que *Fabiano* sente bem com *os filhos* e a cachorra *Baleia*. Consideramos essa retomada clara e tranquila que vem para definir que apesar de tudo os filhos de *Fabiano*, são apenas crianças. A expressão está relacionada com a diversão e animação que se encontravam *As crianças*, tendo em vista que é difícil achar uma passagem de felicidade e alegria no texto.

Na descrição de *A cachorra Baleia*, quadro 8, podemos observar expressões nominais definidas e indefinidas:

8	a cachorra Baleia	Expressão nominal definida	l. 13
8.1	um bicho	Expressão nominal indefinida	l. 303
8.2	A cachorra	Expressão nominal definida	l. 352

Quadro 8 Retomadas de *A cachorra Baleia*

A introdução do referente *a cachorra Baleia*, como podemos observar, tem-se como primeira retomada *um bicho* expressão que descreve a cachorra que no livro ganhou o nome de *Baleia*, como se fosse gente, diferentemente dos filhos de *Fabiano* que nem nome tem, a cachorra além de ser é um dos animais de estimação é como se fosse um membro da família, por sinal muito adorada por toda família em especial pelos filhos de *Fabiano*. Ao usar essa expressão *um bicho* acredita-se que foi o momento em que *Fabiano* ao se aproximar de *Baleia* que sonha, age e pensa como gente é realmente *um bicho*. Temos que considerar que o autor humanizou a cachorra *Baleia*, ao invés de trata como um animal irracional, lembrando que *Baleia* é conhecida e uma famosa personagem da obra até mesmo por seu nome inadequado para uma cachorra que vive no sertão. Vejamos que a cachorra se

relaciona muito bem com os personagens (pessoas), nesse trecho aparece Fabiano e o animal bem próximo por mais que ele a considera como é um bicho, porém humanizada.

- (24) Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se:
 - Você é um bicho Baleia.
 Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. (Linhas 300 – 304).

Identificamos também por meio de uma expressão nominal definida *A cachorra*, essa que participa de várias atividades com a família e deixa sempre Fabiano contente por ser esperta, mas como qualquer ser cansa, pois *A cachorra* estava com Fabiano e as crianças no meio das macambiras (planta espinhosa) procurando a novilha. Mesmo que Baleia não conseguia realizar todas as coisas em que se metia a fazer no meio das pessoas se esforçava, era companheira e acompanhava a família o tempo todo. Observamos o trecho, “A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando.” (Linhas 352 – 353).

Na narrativa encontramos também o referente seu Tomás da bolandeira que representa um dos personagens da obra, conforme verificamos no quadro abaixo:

9	seu Tomás da bolandeira	Expressão nominal definida	l. 370
9.1	Seu Tomás	Expressão nominal definida	l. 373
9.2	o pobre do velho	Expressão nominal definida	l. 376
9.3	um homem	Expressão nominal definida	l. 393

Quadro 9 Retomadas de seu Tomás da bolandeira

O autor novamente utilizou-se uma expressão nominal definida para introduzir o referente do quadro 10, *seu Tomás da bolandeira*, o qual é retomado por meio de expressões nominais definidas no quadro acima. Essas retomadas são utilizadas para descrever esse personagem tão observado e admirado por Fabiano, devido sua habilidade com a fala, ao contrário de Fabiano que não sabia se expressar muito bem, era rude, não tinha dom com as palavras, nunca tinha

frequentado uma escola e nem aprendido a ler como *Seu Tomás* que era um pobre velho que se debruçava em cima dos livros.

A primeira retomada por expressão nominal definida é *Seu Tomás*, era a expressão usada por seu admirador Fabiano que ao se dirigir ao homem mais arrasado da região nordestina, que segundo o contexto o que mais fazia era ler muito e por isso conseguia dominar a maneira que de acordo com Fabiano era o jeito de falar certo.

Logo, o referente seu *Tomás da bolandeira* é predicado como *o pobre do velho*, essa descrição é dada devido porque *seu Tomás*, assim como os outros não escaparia da desgraça que quando chegasse não deixaria ninguém, nem ele que era considerado bom e um homem de muitas leituras, pois também assim como seus colegas não estariam preparados para enfrentar o verão escaldante que estava para chegar.

Destacamos a retomada *um homem*, que o autor ao utilizar-se de uma expressão nominal indefinida, deixa assim o sujeito indefinido, porém de acordo com o contexto que esse novo objeto de discurso está inserido percebemos que é *um homem* com uma educação finíssima e com bons modos diferentemente de quem tanto o admira que por diversas vezes, é considerado como *bicho, coisa*, e não como *homem*. Esse personagem Tomás da bolandeira representa a minoria das pessoas que apesar das dificuldades conseguem ter um pouco de conhecimento e uma educação moderada comparada a de outras pessoas que principalmente nas regiões nordestinas mais críticas que são judiadas pela seca são como Fabiano vivem sem condição de vida, sem instrução alguma, totalmente na miséria.

Importante destacar que o comerciante *seu Tomás da bolandeira* não só Fabiano para como também para sinhá Vitória esse pobre velho serve como referência. Fabiano admirava pela destreza com a linguagem que por mais que tentava imitar nunca ia conseguir. Quanto à sinhá Vitória sonhava em ter uma cama de couro como seu Tomás.

Apresentamos a seguir o quadro 10, que tem como referente *O patrão atual*, conforme podemos observar abaixo:

10	O patrão atual	Expressão nominal definida	l. 396
10.1	o proprietário	Expressão nominal definida	l. 399
10.2	o patrão	Expressão nominal definida	l. 414/415

Quadro 10 Retomadas de O patrão atual

Citamos como referente *O patrão atual* que assim como as retomadas é apontado pelo autor por meio de expressões nominais definidas. Essas retomadas descreve o dono da fazenda que Fabiano cuidava e morava com sua família. Esse sujeito fazia de tudo para mostrar seu poder e aproveitar de seus subordinados. A primeira retomada está inserida dentro do contexto onde Fabiano compara *O patrão atual*, como “outros brancos”, ou seja, Fabiano percebe que O patrão atual era diferente dos outros, gostava de gritar sem necessidade, colocava defeito em todos os serviços, era desonesto e explorador, porém Fabiano não tinha escolha a não ser a opção de ficar ali naquela fazenda.

Identificamos também a retomada *o proprietário*, ou seja, descrito assim por ser o que com toda brutalidade trata Fabiano como uma coisa, um traste, é o que cobre Fabiano de injúrias e nem um elogio, mas como era o empregado precisava do trabalho para sustentar sua família, simplesmente abaixava a cabeça e se desculpava com o dono, encarando as humilhações como natural.

Apresentamos a última retomada do referente *O patrão atual*, a expressão nominal definida, *o patrão*, e descrito como a figura superior a Fabiano que por ser o *patrão* como a própria expressão e o contexto definem é quem a qualquer momento poderia expulsar da fazenda Fabiano e a sua família, esses que seriam obrigados a irem embora sem destino, com a trouxa nas costas cheia de “cacarecos”, novamente, teriam que migra por lugares em busca de uma vida melhor.

A análise inicial acima apresentada mostra as possibilidades para se trabalhar com os quadros assim mapeados. Como pode se verificar na presente análise, no romance selecionado, Graciliano Ramos utiliza-se muito bem de todas as ferramentas da língua e, com muita valorização, ao se tratar das anáforas sem manutenção do núcleo, em especial e como foco principal identificamos as expressões nominais definidas e indefinidas.

Utilizando a estratégia da expressão nominal definida e indefinida, Ramos apresentou detalhadamente as descrições dos personagens e lugares onde o romance acontece. Essa estratégia apresenta-se por diversas vezes com a função de recategorizar a expressão anterior.

A apresentação das personagens, ao decorrer do romance, encontra-se marcada por expressão nominal definida e expressão nominal indefinida, o que acontece nas retomadas sem a manutenção do núcleo e também com a introdução do nome-núcleo da expressão nominal, como percebemos nos quadros referentes às personagens.

Importante ressaltar que o objetivo aqui é refletir sobre maneiras de conduzir as possibilidades propostas por meio da referenciação, tendo como meta a proposta de auxiliar o leitor na interpretação textual. Tendo em vista que esse é o momento que o leitor poderá descobrir as formas narrativas e descrições, como também se atentará às estratégias discursivas que poderá utilizar para interpretar seu texto. Pretende-se que se reconheça a forma, a estética, a coesão e a coerência, uma vez que Ramos apresenta com detalhes exemplos de como construir a narrativa utilizando-se de alguns tipos de retomadas. Além de apresentarmos essa estratégia linguística como uma maneira de guiar a interpretação do texto, como na construção das personagens e também ressaltar as retomadas selecionadas por Graciliano Ramos, tendo em vista, que essas retomadas evitam as repetições de palavras no texto. Sabemos então que por meio desses itens lexicais as ideias do autor do texto podem ser medidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos permite observar que a referência nos possibilita aumentar novas informações ao texto no momento que são ancoradas as informações dadas anteriormente, já apresentadas. Quanto aos referentes apresentados como objeto de discurso podem evoluir, os usuários da língua tem a chance de lançar diversos recursos para elaborar e realizar a evolução desses referentes.

Nesta investigação compreendemos que a referenciação denomina-se em um processo que se constrói no discurso, precisa da colaboração do produtor e do receptor textual. Entende-se que o referente trata-se de uma parte do modelo da mente que o leitor tem a capacidade para construí-lo por meio de sua interação com texto, atendo-se a base de conhecimento de mundo.

Percebe-se que a construção dos referentes, enquanto atividade discursiva é devida a ação de sujeitos interativos, que trabalham de maneira colaborativa. Assim, os objetos de discurso definem-se como entidades construídas no decorrer da interação discursiva capaz de alterações.

O papel principal das retomadas é construir a coesão do texto como também apresentar o sentido que o produtor tem intenção de oferecer no texto. Com essa estratégia pode-se demonstrar sua opinião, seus valores, suas crenças e a determinada visão que se tem sobre o assunto.

De acordo com Koch (2003) na teia de ativação e reativação de referentes textuais, os elementos do texto que são lançados uma vez tem a possibilidade de serem modificados ou expandidos no decorrer do discurso. Segundo a autora, no decorrer geral do processo de compreensão, identifica-se uma unidade de representação fortemente complexa, renovada por meio de acréscimo sucessivo e contínuo de informações novas ou avaliação sobre o referente. Portanto, será a partir dessas ampliações explícitas ou implícitas que colaborarão para a progressão referencial.

Quanto à obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, é preciso esclarecer que apresenta um estilo claro, breve, envolvente, representa de forma criativa a

realidade dos retirantes da região nordestina do Brasil, seus sonhos, seus sofrimentos, as relações com as pessoas, a terra seca, da injustiça social, ou seja, nos permite identificar que a seca está no sertão como também na alma de muitas pessoas e na falta de ações de outros. Desta maneira, o narrador do romance consegue envolver o leitor em sua trama, despertar emoções e reflexões voltadas à sociedade da época e atualmente. Tendo em vista que tudo que está relatado por Ramos pode ser vista como denuncia social.

Importante destacar que o objetivo da presente pesquisa teve resultado satisfatório. Considerando que definimos como objetivo encontrar as anáforas sem manutenção de núcleo que são possíveis por meio da referenciação. Assim, ao analisar o *corpus* escolhido, destacamos que o autor se utilizou das anáforas sem manutenção de núcleo, especificamente as expressões nominais definidas e indefinidas pela maioria das vezes para descrever os lugares, os personagens, construir partes de seu romance regionalista, possibilitou por meio dessas retomadas uma melhor interpretação, além de conseguir expor sua opinião entre outras características no romance. Lembramos que especificamente foi analisado o primeiro capítulo “Mudança” e o segundo “Fabiano”.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. **Sua casinha é meu palácio: por uma concepção dialógica de referência**. *Lingagem em (Dis)curso*, Palhoça-SC, v. 10, n. 1. P. 207-226, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1001/1001109.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes 2003.

_____, **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Huciec, 2002.

BIEZUS, Marly de Fátima Gonçalves Tavares. **Processos de retomada em conto de Eça de Queirós: Um olhar voltado para o ensino**. Cascavel, PR: UNIOESTE. 2010.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____, **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41. ed - São Paulo: Cultrix, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura No Brasil/ direção Afrânio Coutinho: co-direção Eduardo de Faria Coutinho**. – 6. ed. ver. e atual. – São Paulo: Global, 2001.

DELL' ISOLA, R. L. P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (org.) **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: UNB, 1996 p, 68-75.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**; coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos...[et al.]. – 6. ed. ver. Atualiz. – Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____, **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____, MORATO, E.; BENTES, A.C. Introdução. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 7-10.

_____, **Referenciação e orientação argumentativa**. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 34-52.

_____, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed - São Paulo: Contexto, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____, **Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? Em aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, p. 64-82, jan./mar. 1996.

MASSAUD, Moisés. **Tipos de Romance**, in **A Criação Literária**, São Paulo, Melhoramentos, 1973, pp. 293-295. /

MENEGASSI, R. J. **O leitor e o processo de leitura**. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (Orgs.). *Leitura: compreensão e interpretação de textos em Língua Portuguesa*. Maringá: Eduem, 2010, no prelo.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação.* São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

RAMOS, Graciliano, 1892 – 1953. **Vidas Secas/ Graciliano Ramos;** posfácio de Hermenegildo Bastos. - 114ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2010.

REIS, Leidiani da Silva. **Sondagem das retomadas não correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas.** Cascavel, PR: UNIOESTE, 2012.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura.** Coimbra: Almedina, 1991.

_____, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes.** – 4. Ed. ver. Atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

TRUJILLO FERRARI, Afonso. **Metodologia da ciência.** 3. ed. Rio de Janeiro, Kennedy, 1974.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>> Acesso em: 06 de nov. 2012.